



## O discurso conflituoso na internet: uma análise discursivo-interacionista de comentários em site de notícia

### *The conflictive discourse on the internet: a discursive-interactionist analysis of comments on news site*

Wilma Maria Pereira

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais (IFNMG),  
Pirapora, Minas Gerais / Brasil

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil  
wilmawmp@yahoo.com.br

<http://orcid.org/0000-0002-8840-2252>

**Resumo:** Considerando a internet como um espaço em que circulam uma diversidade de discursos de alto potencial polêmico, propícios à materialização de insultos e agressões verbais, o objetivo deste trabalho é investigar as estratégias utilizadas pelos interactantes para a construção de suas intervenções no meio digital. A perspectiva de análise está centrada no modelo de impolidez sugerido por Culpeper (1996, 2005) e no Modelo de Análise Modular do Discurso (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001). Busca-se apresentar duas abordagens para a análise dos atos impolidos, demonstrando de que maneira elas podem ser complementares no estudo da impolidez. Dessa forma, a interseção entre elas permite, além da classificação dos atos impolidos, descrever a organização textual dos comentários a fim de desvelar a estrutura dos discursos ofensivos e a ação dos internautas na negociação de faces, lugares e territórios.

**Palavras-Chave:** im/polidez; abordagem modular; comentários.

**Abstract:** Once the internet is a space in which there is a huge circulation of strongly polemical discourses, prone to the materialization of insults and verbal aggressions, the purpose of this paper is to investigate the strategies used by the interactors when constructing their intervention in the digital media. The perspective of the analysis is centered on the model of impoliteness suggested by Culpeper (1996, 2005) and on the Modular Approach to Discourse Analysis (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001). We seek to present two approaches to the analysis of impolite acts, demonstrating how

they can be complementary in the study of impoliteness. In this way, the intersection between them allows, besides the classification of the impolite acts, to describe the textual organization of the comments in order to reveal the structure of offensive discourses and the action of the internet users in the negotiation of faces, places and territories.

**Keywords:** im/politeness; modular approach; comments.

Recebido em 20 de abril de 2020

Aceito em 3 de junho de 2020

## 1 Introdução

Muitos autores nos últimos anos têm se dedicado à investigação de fenômenos linguísticos que pressupõem algum tipo de “desacordo” entre os interlocutores em vários contextos. Roulet (1989), em um breve artigo, abordou a controvérsia, a polêmica e a briga sob a nomenclatura de “atos agonais”, ou seja, aqueles que evocam “luta”, “competição” ou “disputa”. Culpeper (1996, 2005) investigou a ofensa dirigida a participantes de *reality shows*, os ataques verbais em séries televisivas e em textos literários. Amossy (2011), usando exemplo da imprensa eletrônica francesa, analisou a polêmica e o argumento retórico em fóruns de discussão. Leech (2014) destacou a não-polidez, a impolidez, a ironia ou sarcasmo e a brincadeira como formas contrastantes da polidez. A impolidez nos meios digitais foi o enfoque dado por Cunha (2012, 2013) e por Balocco e Shepherd (2017) para o estudo da linguagem agressiva. Cunha (2019) e Cunha e Tomazi (2019) apresentam, sob uma perspectiva modular, o processo de negociação entre os interlocutores quando estão em confronto discursivo. A partir de perspectivas teóricas diversas, esses trabalhos<sup>1</sup> carregam o mérito de ajudar a preencher gradativamente a lacuna até então existente nos estudos voltados para a análise dos comportamentos impolidos e de todas as ações que eles invocam como a rudeza, o xingamento, o insulto, a injúria, a difamação, a ameaça e os ataques verbais que ocorrem em contextos em que o antagonismo e a

---

<sup>1</sup> A lista de trabalhos aqui mencionados não pretende ser exaustiva. Apresenta apenas uma pequena parcela de estudos relevantes para o estudo dos comportamentos impolidos em vários contextos e em várias perspectivas teóricas que de alguma maneira se alinham ao trabalho proposto aqui.

polarização parecem capitais, por exemplo, nas interações que acontecem nos meios digitais.

Atualmente, a internet e suas várias ferramentas de participação coletiva (*chats*, *blogs* interativos, comentários, *hashtags*, fóruns de discussão etc.) têm se configurado como um espaço público de convergência para esses “dissensos”. Segundo Amossy (2011), “só a internet possibilita a disseminação de uma enorme quantidade de material em tempo real naturalmente destinado a circular, a difundir, a ser lido, comentado, enriquecido e aprofundado pelos internautas” (AMOSSY, 2011, p. 11). O resultado desse “encontro coletivo” virtual pode ser a materialização de disputas discursivas em grandes proporções nas quais a violência verbal, não raras as vezes, tem papel fundamental na construção dos pontos de vista que são apresentados e defendidos no meio digital. Assim, a presença da agressividade e da violência verbal nesse contexto testemunha a existência de discursos altamente controversos, aparentemente irreconciliáveis, que apresentam duas facetas: a necessidade de ser “creditado” de um lado e, por outro, a tentativa de “desacreditar” o suposto oponente. Dessa forma, é possível inferir que “a internet – como meio de comunicação – cria as condições para a circulação de discursos que, por si só, tem um potencial polêmico muito forte” (AMOSSY, 2011, p. 11).

Neste contexto de conflito verbal, no qual reside um confronto exacerbado de teses antagônicas, é de nosso interesse investigar as interações conflituosas ou polêmicas<sup>2</sup> materializadas nos comentários publicados em sites de notícias sobre o contexto político e, sobretudo, a ação dos interactantes no agenciamento de faces, lugares e territórios.<sup>3</sup> Para isso, em um primeiro momento, pretende-se analisar, por meio do

---

<sup>2</sup> Cf. Kerbrat-Orecchioni (1980). Trata-se de um tipo de discurso geralmente escrito, dialógico, de refutação (é um contra-discurso que pressupõe um desacordo entre os interlocutores), argumentativo, com uma forte intensidade axiológica pejorativa e com um objetivo desqualificativo, que ocorre num contexto de violência e paixão e dentro de uma determinada duração.

<sup>3</sup> O conceito de face diz respeito a “um valor social positivo que uma pessoa efetivamente invoca para si pela linha que os outros pressupõem que ela assumiu durante um determinado contato” (GOFFMAN, 2012, p. 15). Já o termo território diz respeito ao âmbito “inviolável” de atuação do indivíduo, ou seja, às questões pessoais íntimas, aos sentimentos e pensamentos, às questões relacionadas ao corpo e ao espaço do indivíduo (GOFFMAN, 2012). Finalmente, o conceito de lugar diz respeito à “uma relação vertical ou de dominância entre os interagentes” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 353).

modelo teórico sugerido por Culpeper (1996, 2005), quais as *estratégias de impolidez* (CULPEPER, 1996, 2005) são mobilizadas para este fim. Em um segundo momento, por meio dos postulados teórico-metodológicos do Modelo de Análise Modular do Discurso (MAM) (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001), propõe-se não somente investigar de que maneira a organização discursiva dos comentários é manejada e agenciada na realização de atos<sup>4</sup> impolidos, mas também demonstrar a capacidade integradora desse modelo. Acreditamos que a análise dos comentários impolidos a partir dessas duas abordagens nos permite compreender, em etapas bem demarcadas, não só a sua caracterização, mas a sua dinâmica interacional com base na ação dos interactantes na realização dos atos impolidos, possibilitando também ampliar as possibilidades de análise da impolidez.

Em relação ao *corpus* selecionado para este trabalho, trata-se de um recorte de um total de quinhentos comentários que constituem o *corpus* de uma pesquisa em andamento sobre a impolidez nas redes sociais. Considera-se que o recorte ora apresentado ilustra de maneira significativa as formas de ações impolidas mais recorrentes dos interactantes no meio digital investigado. Os comentários analisados foram publicados no site *Yahoo Notícias* em decorrência da publicação da matéria *Para Bolsonaro, “hienas” são todos os que não se curvam à sua majestade*,<sup>5</sup> do jornalista Matheus Pichonelli, divulgada no dia 29 de outubro de 2019. Para a nossa análise, foram coletados os primeiros comentários publicados e organizados sob o critério “mais relevantes” pelo site. Em tempo, vale ressaltar que consideramos os comentários, assim como Balocco e Shepherd (2017), como uma instância do discurso midiático de caráter opinativo que possibilita aos leitores a expressão de seus pontos de vista sobre determinado assunto. Além disso, “os comentários fazem referência a um texto anterior; são de responsabilidade de um usuário; são textos opinativos que ocorrem em espaços delimitados

---

<sup>4</sup> A noção de ato utilizada aqui não faz referências à Teoria dos Atos de Fala. Diz respeito à realização de ações verbais/linguageiras impolidas.

<sup>5</sup> A notícia faz referência à divulgação de um vídeo feita pelo presidente Jair Bolsonaro em sua conta no *Twitter*, no dia 28 de outubro de 2019. No vídeo, o presidente é representado por um leão cercado de hienas inimigas que, na montagem, representavam instituições como a CNBB, veículos de imprensa, partidos políticos, STF, entre outros). O vídeo está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A5Uhyt81PwE> e a notícia pode ser acessada em: <https://br.noticias.yahoo.com/bolsonaro-hienas-video-leao-114256636.html>.

no jornalismo digital, ou seja, são textos que sofrem restrições impostas pelo *software* (tamanho); são assim denominados (‘comentários’) pela própria mídia digital” (BALOCCO; SHEPHERD, 2017, p. 1022).

A seguir, apresentaremos um breve histórico dos estudos da impolidez, destacando sobretudo a abordagem de Culpeper (1996, 2005) e sua perspectiva para a análise dos atos impolidos. Em seguida, apresentaremos o Modelo de Análise Modular do Discurso como uma proposta de ampliação de alguns aspectos relacionados à impolidez, por exemplo, as restrições situacionais e os aspectos relacionais do texto como estratégia de negociação na “disputa” impolida entre os interactantes. Para isso, trataremos os comentários a partir de quatro componentes do MAM, a saber, as dimensões hierárquica e situacional, a forma de organização relacional e a forma de organização estratégica.

## 2 Os estudos da impolidez: breve histórico

A partir dos estudos sobre a polidez elaborados por Brown e Levinson (1987) foram feitos avanços significativos em relação ao uso da linguagem para o agenciamento das relações sociais. Com base no conceito de face, herdado de Goffman (1967), esses pesquisadores se propuseram a elaborar uma “teoria da polidez”. Dentre os princípios desta teoria está o reconhecimento da sacralidade e vulnerabilidade da face e os esforços para garantir a sua preservação contra os possíveis ataques (FTAs),<sup>6</sup> que podem ocorrer em qualquer interação. Sendo assim, segundo essa teoria, um dos objetivos da interação é a preservação das faces que estão em jogo e uma das maneiras de fazê-lo é buscando mutuamente, ou cooperativamente, estratégias para minimizar possíveis ataques, garantindo assim o equilíbrio das interações sociais.

No entanto, assim como ocorre nas interações conflituosas na internet, existem uma série de contextos em que o objetivo da interação não está voltado para a manutenção da harmonia social ou para a preservação da face. Nestes contextos, os interactantes não estariam motivados a agir cooperativamente no sentido de garantir a estabilidade da interação, mas estariam orientados, por uma série de fatores, a agirem com rudeza e impolidez. Isso porque, segundo Culpeper (1996, p. 354), “há

---

<sup>6</sup> FTAs (*Face Threatening Acts*): sigla de Brown e Levinson (1987) utilizada para designar os atos ameaçadores de face.

circunstâncias em que a vulnerabilidade da face é desigual e a motivação para cooperar é reduzida”. De acordo com o autor, essas circunstâncias dizem respeito a contextos em que a impolidez desempenha um papel central. Exemplos desses contextos são apresentados por Culpeper (1996, 2005), Culpeper; Bousfield e Wichmann (2003) e Culpeper e Hardaker (2017) ao analisarem os diálogos que ocorrem entre oficiais e recrutas em treinamento do exército, as situações de discordância entre proprietários de automóveis e guardas de trânsito em séries televisivas, *reality shows* que exploram a “superioridade” do apresentador em relação aos participantes etc., expondo as suas faces a diversos tipos de ataques e constrangimentos.

Essa perspectiva interacional voltada para o conflito verbal sugere a necessidade de um novo olhar para a forma como as pessoas interagem umas com as outras nesses contextos específicos. Além disso, tal perspectiva indica a pertinência de uma análise da impolidez e das relações humanas em contextos em que a polêmica e os possíveis ataques verbais que geralmente invoca parecem ser o ponto central da interação.<sup>7</sup>

Assim como nos estudos sobre a polidez, a impolidez tem se estabelecido também como um campo de investigação bem delimitado. Esse avanço se deve a trabalhos pioneiros sobre a impolidez, como especifica Leech (2014, p. 235), ao fazer referência aos estudos de Culpeper (1996, 2005, 2011a, 2011b), Culpeper *et al.* (2003), Bousfield (2008), Bousfield e Locher (2008), que fizeram avançar esse campo de investigação.

Culpeper e Hardaker (2017) também mencionam os avanços que foram gradativamente ocorrendo nesse no campo dos estudos da impolidez. Segundo os autores, “o campo da impolidez linguística desenvolveu-se primeiro de uma forma bastante irregular, depois ganhou ritmo em meados da década de 90, mas só arrancou realmente por volta de 2008” (CULPEPER; HARDAKER, 2017, p. 199). Ao se referir a esse processo de ampliação dos estudos sobre impolidez, Culpeper e Hardaker (2017) mencionam três momentos distintos que o caracteriza. O primeiro momento, ancorado em modelos clássicos de pragmática, refere-se, segundo Culpeper e Hardaker (2017), ao trabalho de Lachenicht (1980)

---

<sup>7</sup> Cf. Amossy (2017). Nem toda violência verbal é polêmica, ou seja, “os procedimentos discursivos que criam uma impressão de violência verbal só se tornam polêmica quando são utilizados no contexto de uma confrontação de opiniões contraditórias” (AMOSSY, 2017, p. 63).

que, segundo eles, foi o primeiro trabalho abrangente e teoricamente fundamentado sobre o tema da impolidez. Segundo esses autores, esse trabalho não desencadeou uma onda de pesquisas sobre a impolidez, como ocorreu com a polidez a partir do trabalho de Brown e Levinson (1987), por exemplo. O resultado da adoção dessa postura focada na polidez foi o surgimento de um fosso teórico entre os estudos da polidez e da impolidez, marcado pelo pouco interesse nos eventos impolidos e por aparatos teórico-descritivos insuficientes para abarcar a impolidez, como menciona Eelen (2001, p. 98), por exemplo, ao argumentar que as teorias de polidez não estão geralmente bem equipadas, conceitualmente ou descritivamente, para explicar a impolidez.

Além desse trabalho, Culpeper e Hardaker (2017) mencionam também o estudo de Craig *et al.* (1986). Segundo eles, esses autores desenvolveram uma abordagem mais adequada da dinâmica da comunicação interpessoal, considerando tanto a comunicação hostil como a cooperativa. Com base na teoria da polidez de Brown e Levinson (1987), Craig *et al.* (1986) publicaram um dos primeiros artigos discutindo o *face-attack* ou *face-aggravation*, apontando as consequências dessa teoria de não abordar estratégias de ataque à face de forma sistemática, o que, segundo eles, contribuiu para a existência de uma lacuna na descrição dos dados que se referem aos comportamentos impolidos.

Ainda na esteira dos trabalhos pioneiros sobre a impolidez, Culpeper (1996) complementa a lista de autores que se preocuparam com essa temática. Culpeper (1996) amplia os estudos da impolidez ao elaborar de forma sistemática um conjunto de estratégias específicas para caracterizar o *face-attack*. Trata-se de uma estrutura “oposta” (*flip-side*) às estratégias de polidez de Brown e Levinson (1987), ou seja, para cada uma das estratégias de polidez, Culpeper (1996) propõe uma estratégia de impolidez oposta. Conforme especifica Culpeper (1996), elas são opostas em termos de orientação para a face, isto é, em vez de amenizar ou mitigar ameaças, as estratégias de impolidez são um meio de atacar a face. Este primeiro momento é denominado por Culpeper e Hardaker (2017) de “primeira onda” dos estudos da impolidez.

O segundo momento dos estudos da impolidez refere-se aos estudos desenvolvidos sob a perspectiva de uma abordagem discursiva, articulada pelos estudos de Eelen (2001), Mills (2003) e Watts (2003). Segundo Culpeper (2017, p. 207), essa segunda onda de abordagem de polidez buscou articular tanto a polidez quanto à impolidez. O foco dessa

segunda onda não estava voltado para a apresentação de uma distinção entre os dois conceitos, mas sim para a interação social, na qual a polidez ou a impolidez poderia ser contabilizada, ou seja, ela tinha como foco mostrar como a concepção de impolidez é revelada no discurso dos interactantes ou dos leigos, e não em como o discurso do leigo se encaixa em um conceito elaborado pelos acadêmicos. Essa postura adotada por esses autores implica dizer que “a impolidez é construída no fluxo e refluxo da interação e que o próprio conceito de impolidez em si e a sua definição está sujeito à luta discursiva” (CULPEPER; HARDAKER, 2017, p. 2007). Essa concepção difere esse momento de abordagens anteriores de impolidez que, segundo Culpeper e Hardaker (2017), tendiam a focar exclusivamente no significado pretendido pelo orador e no tratamento da impolidez como um aspecto relativamente estável de determinadas formas linguísticas.

Em referência ao terceiro momento dos estudos da impolidez, Culpeper e Hardaker (2017) destacam o trabalho de Bousfield (2008), seu primeiro volume de artigos (BOUSFIELD; LOCHER, 2008) e o primeiro número especial da revista dedicada à impolidez: *Impoliteness: Eclecticism and Diaspora (Journal of Politeness Research, 4(2)*, editada por Bousfield e Culpeper (2008). Retomando Locher e Bousfield (2008), Culpeper e Hardaker (2017) mencionam o fato de o trabalho sobre a impolidez ter avançando para um meio termo entre a abordagem clássica, do primeiro momento, voltada para a sistematização e classificação da impolidez, e a discursiva que envolve a ação dos interactantes e seus respectivos contextos sociais para a investigação da impolidez. Segundo mencionam os autores (2017), isso aconteceu com o aumento das abordagens relacionais (SPENCER-OATEY, 2001, 2008), a abordagem da polidez baseada em *frames* (TERKOURAFI, 2001) e da impolidez (TERKOURAFI, 2008, 2009), e a abordagem interativa (ARUNDALE, 1999; HAUGH, 2007). Um ponto relevante a ser destacado com essas teorias é que elas abrangem tanto a perspectiva do falante como a do ouvinte, além de centralizar o papel do contexto no tratamento da impolidez. Em seus trabalhos mais recentes, Culpeper (2011a)<sup>8</sup> tem se alinhado a esta perspectiva.

---

<sup>8</sup> Conforme mencionado, muitos autores, além de Culpeper, têm se dedicado ao estudo da impolidez. Por conveniência teórica, utilizaremos os postulados de Culpeper por considerá-los aptos aos objetivos que pretendemos com este trabalho.



## 2.1 As estratégias de impolidez: a abordagem de Culpeper

Em seu trabalho de 1996, Culpeper estabeleceu um conjunto de estratégias para designar os atos impolidos. Para isso, o autor elencou as superestratégias e as estratégias *output* de impolidez. Segundo Culpeper e Hardaker (2017, p. 208), “as primeiras são de ordem superior e envolvem a orientação geral do ato; as segundas são os meios mais específicos pelos quais as superestratégias são alcançadas”. As superestratégias de impolidez são assim especificadas por Culpeper (1996, 2005):<sup>9</sup>

- (1) *Impolidez bald on record* – o FTA é realizado de maneira direta, clara, sem ambiguidade e de forma concisa em circunstâncias em que a face não é irrelevante ou minimizada;
- (2) *Impolidez positiva* – o uso de estratégias destinadas a prejudicar a face positiva do destinatário;
- (3) *Impolidez negativa* – o uso de estratégias destinadas a prejudicar a face negativa do destinatário;
- (4) *Sarcasmo ou falsa polidez* – o FTA é realizado com o uso de estratégias de polidez que são obviamente insinceras, e assim permanecem realizações superficiais;
- (5) *Retenção da polidez* – a ausência de polidez em situações em que é esperada, por exemplo, não demonstrar gratidão ao receber uma gentileza de alguém.
- (6) *Impolidez off-record*: o FTA é realizado por meio de uma implicatura, mas de tal forma que uma intenção atribuível supera claramente qualquer outra.

Além das superestratégias, Culpeper descreve também as estratégias *output* de impolidez positiva e de impolidez negativa<sup>10</sup> que especificam os comportamentos impolidos direcionados à face positiva ou à face negativa de um interlocutor. Como mencionado, as estratégias *output* são um meio de satisfazer os fins estratégicos de uma superestratégia. As estratégias *output* de impolidez estão sistematizadas no quadro abaixo adaptado de Culpeper (1996, 2005).

---

<sup>9</sup> Culpeper (1996) elenca as cinco primeiras estratégias. Em Culpeper (2005), o autor acrescenta a sexta estratégia ao seu modelo.

<sup>10</sup> Cf. Culpeper (1996): *Positive impoliteness output strategies* e *Negative impoliteness output strategies*.

QUADRO 1 – As estratégias de impolidez

<b>POSITIVE IMPOLITENESS OUTPUT STRATEGIES</b>	<b>NEGATIVE IMPOLITENESS OUTPUT STRATEGIES</b>
Ignorar, esnoabar o outro – não reconhecer a presença do outro. Seja desinteressado, despreocupado, antipático	Assustar – instale a crença de que uma ação prejudicial ao outro ocorrerá
Excluir o outro de uma atividade	Condescender, desprezar ou ridicularizar – enfatize seu poder relativo. Seja desdenhoso.
Desassociar-se do outro – por exemplo, negar associação ou base comum com o outro; evite sentar-se juntos	Não levar o outro a sério. Diminuir o outro (por exemplo, use diminutivos).
Ser desinteressado, despreocupado, antipático	Invasão do espaço do outro – literalmente (por exemplo, posicionar-se mais perto do outro do que o relacionamento permite) ou metaforicamente (por exemplo, pedir ou falar sobre informações que são muito íntimas, dado o relacionamento)
Usar marcadores de identidade inadequados – por exemplo, usar título e sobrenome quando houver uma relação de proximidade ou apelido quando se tratar de uma relação de não proximidade	Associar explicitamente o outro a um aspecto negativo – personalizar, use os pronomes “eu” e “você”.
Usar linguagem obscura ou secreta – por exemplo, mistificar o outro com jargão, ou usar um código conhecido por outros no grupo, mas não pelo alvo	Colocar o endividamento do outro em destaque, etc.
Buscar discordância – selecionar um tópico delicado.	
Fazer o outro se sentir desconfortável – por exemplo, não ficar em silêncio (quando desejável), fazer piada ou dizer futilidades	
Usar palavras tabu – xingar ou usar linguagem abusiva ou profana.	
Chamar por outros nomes – usar nomeações depreciativas. etc.	

Fonte: adaptado de Culpeper (1996, p. 356).

A partir do conjunto das superestratégias, Culpeper (1996, 2005) concebe a impolidez como o uso de “estratégias comunicativas concebidas para atacar a face, e assim causar conflito e desarmonia social” (CULPEPER *et al.* 2003, p. 1546). Buscando refinar esse

conceito e apresentar respostas a algumas inadequações apontadas por comentadores<sup>11</sup> de sua obra, Culpeper (2005) propôs uma definição revista para o conceito de impolidez, isto é, “a impolidez surge quando: (1) o orador comunica o *face-attack* intencionalmente, ou (2) o ouvinte percebe e/ou constrói o comportamento como um *face-attack* intencionalmente, ou uma combinação de (1) e (2)” (CULPEPER, 2005, p. 38). O que se observa nesta definição elaborada por Culpeper (2005) é a implicatura de que “o fenômeno da impolidez tem a ver com a forma como a ofensa é comunicada e interpretada” (CULPEPER, 2005, p. 36) pelos interagentes em determinado contexto, ou seja, “o aspecto chave desta definição é que ela deixa claro que a impolidez, como na verdade a polidez, é construída na interação entre o falante e o ouvinte” (CULPEPER, 2005, p. 38). Nessa concepção, a impolidez é um fenômeno interacional de duas camadas, isto é “a informação ofensiva sendo expressa no enunciado e a informação de que essa informação está sendo expressa intencionalmente” (CULPEPER, 2005, p. 39). Além de resgatar o papel da ação conjunta do orador e do ouvinte na interação, este conceito invoca uma outra questão primordial e problemática para a investigação da impolidez: a intencionalidade.

Como o próprio Culpeper (2005, p. 39) menciona, “reconhecer intenções é altamente problemático: elas têm de ser inferidas na comunicação”. Inferir a impolidez na interação é avaliar os seus efeitos a partir da ação dos interagentes ou na forma como eles reagem aos supostos ataques. Isso ajuda a excluir, segundo ele, os subprodutos, os casos incidentais, e os tipos simulados de ameaça à face. O resultado dessa “inferência” é reconhecer nessas categorias não apenas sinalizações, mas apresentar uma distinção pontual no tocante a casos intencionais de impolidez, por exemplo, a atuação de alguém que pretendia ofender, traçou um plano para realizar essa ofensa e executou-a em plena consciência; de casos em que a ofensa foi realizada acidentalmente, por exemplo, um *faux pas* (CULPEPER; HARDAKER, 2017).

Para Culpeper e Hardaker (2017, p. 203), “o que é certamente claro é que a intencionalidade não é uma condição necessária de impolidez”. Isso porque para ele, as pessoas podem construir um ato que é, ao mesmo tempo, não intencional e ofensivo. Leech (2014), a partir das escalas para avaliar a impolidez, considera que dar um baixo valor aos esforços

---

<sup>11</sup> As principais questões apontadas dizem respeito ao foco apenas no orador, a não consideração devida ao contexto, a inexistência da expressão “desarmonia social” etc.

do outro é uma forma de ser impolido sem, no entanto, ter a pretensão de promover um *face-attack*.

Culpeper (2011a) apresenta uma explicação para o fato de que nem toda impolidez é intencional, porque (a) às vezes o produtor da impolidez não tem consciência dos efeitos de impolidez que está causando e (b) o ato é considerado impolido, no entanto, porque o produtor é culpado por não identificar previamente esses efeitos. A questão da intencionalidade evoca mais uma vez a importância do contexto para a análise dos atos impolidos. Isso porque um único comportamento pode ser considerado impolido em uma situação e em outra não. O mesmo se aplica para o sentido das palavras que pode ser agressivo ou não em função do tipo de relação que se estabelece entre os interagentes, o *status* de cada um deles e os lugares que ocupam na estrutura social.

A fim de sistematizar o fenômeno da impolidez a partir de um conceito mais apurado, Culpeper (2011a) concebe a impolidez como:

uma atitude negativa em relação a comportamentos específicos que ocorrem em contextos específicos. É sustentada por expectativas, desejos e/ou crenças sobre a organização social, incluindo, em particular, como as identidades de uma pessoa ou de um grupo são mediadas por outros na interação. *Comportamentos situacionais são vistos de forma negativa – quando entram em conflito com a forma como se espera que sejam, como se quer que sejam e/ou como se pensa que devem ser.* Tais comportamentos sempre têm ou presume-se que têm consequências emocionais para pelo menos um participante, ou seja, causam ou presume-se que causam ofensa (CULPEPER, 2011a, p. 23, grifo do autor).

Com essa definição, Culpeper (2011a) não responde somente a pontos controversos das definições iniciais no que diz respeito à perspectiva do orador e de sua intencionalidade, mas abarca também o contexto como elemento fundamental para a noção de impolidez. O que o autor propõe a partir dessa consideração, é necessidade de um esquema descritivo apropriado para dar conta dos comportamentos impolidos, considerando que a suposta marginalidade com que alguns se referem a esses comportamentos não se sustenta diante de contextos em que a sua operacionalização parece bastante central.

Em síntese, o que Culpeper (1996, 2005) propõe com o seu modelo é um mecanismo descritivo para a análise dos comportamentos impolidos, que devem ser considerados a partir de contextos específicos

em que muitas variáveis podem estar em jogo. Dessa forma, é possível perceber que a impolidez pode ser “estratégica, sistemática, sofisticada e não incomum, dada a importância dos eventos impolidos no meio social, a quantidade de discussão pública que eles atraem e os possíveis efeitos negativos para as faces que estão em confronto” (CULPEPER; HARDAKER, 2017, p. 206).

Com base nas estratégias postuladas por Culpeper (1996, 2005), procederemos inicialmente à identificação das estratégias de impolidez a fim de verificar a sua recorrência nos comentários. Posteriormente, submeteremos os comentários ao arranjo teórico-metodológico do MAM, sistematizando de forma mais abrangente a análise aqui proposta.

### 2.1.1 As estratégias de impolidez nos comentários

Como mencionado anteriormente, os comentários analisados neste trabalho é um pequeno recorte de um total de quinhentos comentários que constituem o *corpus* de uma pesquisa em andamento sobre a impolidez nas redes sociais. Esses comentários são provenientes de notícias da imprensa digital que abordavam assuntos relacionados ao contexto político brasileiro no início do ano de 2019. Tratava-se um momento político conturbado e muitas expectativas, marcado pela derrota da esquerda e pela ascensão ao poder de um político representante da direita. Esse cenário propício à polarização e ao antagonismo de ideias impulsionou a ação de muitos eleitores nos meios digitais na negociação de seus pontos de vista.

Para a seleção, utilizamos uma ferramenta disponibilizada pelo site *Yahoo Notícias* para organizar a cadeia de comentários em suas matérias. A ferramenta de seleção apresenta as seguintes opções para os leitores: *principais reações*, *reações mais recentes*, *discutidas recentemente*, *reações mais antigas*. Ao acessar a página inicial dos comentários, a opção “principais reações” é apresentada em primeiro plano. Caso queira, o leitor pode selecionar uma das outras opções, o que vai interferir na ordem em que os comentários são apresentados. Para o nosso estudo, optamos pela primeira sequência apresentada: *principais reações*, que indicam as intervenções que mais receberam algum tipo de reação (*like*, *emojis*, etc.) ou desencadearam novos comentários. Neste contexto, consideramos que essas ações podem indicar o interesse dos interlocutores pelo debate sobre questões de ordem pública,

possivelmente mobilizadoras de opiniões contraditórias. Os comentários coletados<sup>12</sup> são os seguintes:

- I1: Bolso está tendo alucinações de grandeza! Vídeo de total imbecialidade! A ligação podre com o Queiroz, o cala a boca no COAF e ele não quer ser questionado?! Estão atacando o leão da moral e ética?! O povo não pode mais ser seguidor cego, Orai e “Vigiai”!
- I2: Nunca vi leão ser pai de oncinha, não é Carluxa?
- I3: O BozoAsno consegue ser mais infeliz a cada novo comentário que vomita. Pior presidente da história. Pqp.
- I4: Engraçado é que Bolso-Asno e seu jeguinho de nº 02 não falam em processar o Fabrício Queiroz, será que é a síndrome do rabo preso?
- I5: hienas são vcs da imprensa podre e imunda além dos psicopatas da esquerda
- I6: Pelo nível dos comentários já se desenha o perfil de quem se formou na época da escola plural...

Na primeira reação, o comentarior<sup>13</sup> inicia a sua intervenção utilizando o termo *Bolso* em referência ao presidente Jair Bolsonaro, afirmando que ele está tendo alucinação. A ação de usar codinomes ou formas de “nomeação incomum” é recorrente nas redes sociais e, geralmente, está relacionada à tentativa de “ocultar” o nome de determinadas pessoas ou eventos para reduzir a sua “popularização” na rede. Considerando o contexto de polarização do qual decorrem os comentários, essa parece ser a estratégia utilizada por muitos comentarior que justifica também a alta recorrência de “codinomes” para se referir ao presidente tais como *Bolso*, *Bozo*, *Bolso-asno etc.*

No que diz respeito às estratégias de impolidez, Culpeper (1996) formula que a “nomeação” indevida, como as especificadas acima, é uma maneira de ser impolido. Isso implica o uso de marcadores de

---

<sup>12</sup> Os comentários foram transcritos sem alteração e, por isso, podem apresentar desvios em relação à norma padrão. A letra I indica a intervenção, ou seja, a reação de cada um dos comentarior à notícia.

<sup>13</sup> Utilizaremos o termo comentarior com o objetivo de estabelecer uma distinção com o termo comentarista que evoca a noção de um profissional especializado sobre determinado assunto.

identidade inadequados como o uso de apelidos em interações nas quais não existe uma relação de proximidade e marcadores de identidade muito formais em relações de proximidade. Trata-se, portanto, de um caso de impolidez positiva. Além disso, a referência feita à alucinação<sup>14</sup> no comentário invoca a suposta natureza patológica do comportamento do presidente e coloca em xeque a sua sanidade mental. Apesar de não apresentar nenhuma marca direta de impolidez, esse trecho pode ser assim considerado porque assinala uma suposta incapacidade mental do presidente e o comentarista o faz por meio de uma implicatura, ou seja, de uma forma *off-record*. Leech (2014) afirma que a implicatura é um importante recurso na marcação da impolidez, servindo duplamente ao objetivo do locutor: ser ofensivo sem parecer ofensivo, por isso, as mensagens impolidas são muitas vezes obtidas por implicaturas, e não pelo que “é dito” (LEECH, 2014, p. 224). No entanto, a implicatura neste comentário não deixa dúvidas de que o objetivo do comentarista é atingir a face positiva do presidente.

Uma outra forma de demonstrar impolidez é associar alguém ou alguma coisa que lhe pertence ou da qual ele faz parte com algo de natureza negativa. É o que ocorre, por exemplo, no trecho *Vídeo de total imbecialidade*, que indica que a palavra imbecil não está sendo direcionada ao vídeo, mas à pessoa que o produziu ou que está representada nele. Trata-se de um caso de impolidez positiva que materializa o xingamento como forma estratégia de ofensa.

Na sequência, observa-se que a ênfase é dada a um suposto envolvimento do presidente com ações consideradas ilegais (A ligação podre com o Queiroz, o cala a boca no COAF). A ação de colocar o endividamento do outro em destaque é um caso de impolidez negativa. Finaliza esse primeiro comentário, o sarcasmo ou a falsa polidez que estão associados ao enunciado: *Estão atacando o leão da moral e ética*. Observa-se que as palavras moral e ética são obviamente insinceras ao fazer referência à figura do “leão”, que no vídeo representa o presidente. O sentido sarcástico é alcançado por meio da inferência feita a partir dos fatos mencionados anteriormente pelo comentarista que indicam a suposta desonestidade do presidente. Dizer que alguém preza pela moral

---

<sup>14</sup> A alucinação é uma manifestação psicopatológica que pode se apresentar em pacientes psicóticos, conforme especificação do Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) e a Classificação Internacional de Doenças (CID).

e pela ética é axiologicamente positivo em nossa cultura. No entanto, no contexto, não parece ser este o sentido veiculado e a estrutura de questionamento com a qual a informação é divulgada parece reforçar essa alteração do sentido.

Finalmente, o último trecho do comentário apresenta uma estratégia de impolidez negativa com a qual o comentador reivindica para si uma postura de “superioridade”, lugar de onde “aconselha” os demais a “orar e vigiar” para que possam ser livres da suposta “cegueira” (seguir o presidente) que os acomete. Essa postura está relacionada a ações de condescender, aconselhar e, por isso mesmo, pode ser inserida como uma estratégia de impolidez negativa, ou seja, invadir o território alheio na oferta de algo ou para ditar o que o outro deve fazer.

A estratégia de sarcasmo aparece também no segundo comentário analisado (I2) em que o comentador sugere buscar algum tipo de acordo (polidez positiva) por meio da expressão *não é Carluxa?* Essa inferência é desconstruída pelo contexto que invoca os sentidos figurados das palavras “leão” e “oncinha”, que podem ser interpretadas como referência ao universo da homossexualidade. Neste contexto, tal referência representa a seleção de um tópico delicado. Esse sentido alterado é reforçado pelo marcador de identidade inadequado *Carluxa*, que faz referência a um dos filhos do presidente. As duas estratégias mencionadas são casos impolidez positiva. Além disso, observa-se aqui uma sobreposição de estratégias, pois a menção de tópicos que são “secretos” por algum dos interagentes implica também a invasão do território do outro e configura-se como um caso de impolidez negativa.

Na terceira intervenção (I3), o comentador também utiliza a estratégia de impolidez positiva relacionada ao uso de nomeações depreciativas *Bozoasno* com objetivo desqualificante. Com essa estratégia de impolidez positiva, ele associa a figura do presidente à figura de um animal (asno) na tentativa de implicar a falta de inteligência de Bolsonaro. Além disso, sugere com a metáfora do vômito a incapacidade de o presidente dizer algo que seja considerado relevante (impolidez *off-record*). Finalmente, insere uma avaliação negativa em relação ao desempenho do presidente *Pior presidente da história* com a qual diminui a figura do presidente (impolidez negativa) como principal mandatário de uma nação. Por fim, a expressão *PQP* (“Putá que pariu”), no final do comentário, representa uma forma convencionalizada de impolidez geralmente associada a contextos particulares em que ocorrem efeitos



impolidos (CULPEPER; HARDAKER, 2017). Expressões dessa natureza geralmente representam sentimentos de surpresa ou raiva e são consideradas termos tabus (impolidez positiva) que devem ser evitados com base em pressupostos avaliativos e prescritivos que tem como base um certo padrão do que é “correto”, “normal”, “apropriado”, “vale a pena dizer”, “permissível” em determinado meio social (CULPEPER, HARDAKER, 2017).

A quarta intervenção (I4) também apresenta estratégias de impolidez positiva materializadas no emprego de nomeações depreciativas (Bolso-asno, jeguinho de nº 2). A esse respeito, Leech (2014) considera que geralmente as metáforas animais são construídas sob medida para uso ofensivo, funcionando como agravantes emocionais na interação. O comentário remete também a uma suposta relação de corrupção entre o presidente, o seu filho, o então deputado Flávio Bolsonaro, a quem o presidente se refere como o número 2, por isso, a referência usada pelo comentarista de jeguinho de nº 2, e o ex-assessor Fabrício Queiroz. Com essa manobra, o comentarista procura colocar o endividamento dos três mencionados em destaque (impolidez negativa). Essa tentativa fica ainda mais explícita por meio da pergunta que finaliza o trecho *será que é síndrome do rabo preso?* que faz menção a tipos de comportamento de quem tem algo a esconder por ter realizado uma ação de natureza criminosa ou imprópria e que, por isso, deve ser mantida em sigilo.

Na penúltima reação analisada (I5), o comentarista não direciona os seus ataques aos fatos divulgados ou às pessoas mencionados na notícia. Ele faz referência à imprensa, que considera “podre” e “imunda”, e às pessoas filiadas aos partidos de esquerda a quem denomina de “psicopatas”. Essa ação do comentarista materializa mais uma vez exemplos de estratégias de impolidez positiva explicitadas por meio de xingamentos e nomeações depreciativas. Essa postura assinala também o cenário de dicotomização e polarização que sempre emerge nas discussões sobre o contexto político brasileiro.

Por fim, a sexta reação (I6) representa um caso de impolidez *off-record*, ou seja, um tipo de estratégia de impolidez cujo efeito impolido é alcançado por meio de uma implicatura. Nesse comentário, o comentarista direciona a sua avaliação para os demais comentaristas e, ao fazê-lo, questiona a capacidade intelectual deles, fazendo referência à escola

plural.<sup>15</sup> Tal posicionamento indica uma provável discordância com esse modelo de ensino. O efeito impolido é inferido a partir da consideração do comentador de que, em razão de sua má formação, os demais interagentes são incapazes de fazer comentários relevantes a respeito do cenário político. Fica implícita a tentativa de atingir a face positiva dos demais interlocutores, considerando-os inaptos para a atividade.

Essas estratégias de impolidez utilizadas pelos interlocutores sinalizam *a priori* que os comentários indicam um contexto em que o dissenso é traço característico. Em contextos como este em que as posições são geralmente exacerbadas, percebe-se uma recusa às regras de colaboração e uma acentuada tentativa de desacreditar o oponente. De acordo com Dascal (2008), esse tipo de comportamento pode ser caracterizado como “dicotomização”, ou seja, “a radicalização de uma polaridade que enfatiza a natureza incompatível dos dois polos e a inexistência de qualquer solução intermediária” (DASCAL, 2008, p. 35). Com o propósito de agir nesse contexto, os interagentes mobilizam várias formas de discurso para atingir os seus objetivos.

A fim de ampliar as possibilidades de análise da impolidez, apresentaremos o Modelo de Análise Modular do Discurso visando a demonstrar a sua potencialidade para a investigação dos atos impolidos, sobretudo, no diz respeito a possíveis manobras discursivas realizadas pelos interactantes em contextos polêmicos. Isso porque consideramos que a forma como os interagentes agenciam os seus discursos pode ser um elemento importante para investigar de que maneira a impolidez é construída com a finalidade de atingir as faces de supostos opositores.

### **3 O Modelo de Análise Modular do Discurso (MAM)**

O Modelo de Análise Modular do Discurso<sup>16</sup> (MAM) é uma abordagem interacionista teórico-metodológica que pretende dar conta da complexidade e heterogeneidade discursiva. De modo geral, o MAM

---

<sup>15</sup> Cf. Miranda (2007). A Escola Plural foi implantada na rede municipal de ensino de Belo Horizonte, no período 1993/1996. Segundo a autora, a proposta foi considerada inovadora por muitos, polêmica por outros, por ter procurado romper com a cultura tradicional da escola pública. A proposta desse modelo educacional pode ser conferida em <http://www.pbh.gov.br/smed/escoplur/escplu00.htm>.

<sup>16</sup> O MAM surgiu na década de 70 na Universidade de Genebra e é resultante de pesquisas desenvolvidas em torno de Eddy Roulet.

propõe um quadro unificado constituído de três dimensões, a saber: linguística, situacional e textual. Cada uma dessas dimensões é constituída por módulos.<sup>17</sup> A dimensão linguística incorpora os módulos lexical e sintático; a dimensão textual contém apenas o módulo hierárquico e a dimensão situacional engloba os módulos referencial e interacional.

De acordo com Roulet; Fillietaz e Grobet (2001), a noção de modularidade é útil para a análise de qualquer produção discursiva, porque permite que o conteúdo do discurso seja decomposto em um certo número de sistemas de informação simples e autônomos (módulos), que podem ser descritos de maneira independente para, posteriormente, serem combinados<sup>18</sup> com outros módulos.

Além dos módulos, os autores apresentam também cinco formas de *organização complexas* (resultantes da combinação das informações oriundas dos módulos e de alguma forma de organização) e sete formas de *organização elementares* (resultantes da combinação de informações fornecidas pelos módulos). As formas de *organização elementar* são: fonoprosódica, semântica, relacional, informacional, enunciativa, sequencial e operacional e as formas de *organização complexas* são: periódica, tópica, polifônica, composicional e estratégica. Cada uma dessas formas de organização dispõe informações pontuais que devem ser combinadas e elencadas para atender os propósitos investigados de cada analista.

Finalmente, como destaca Roulet (1999), o modelo é uma proposta metodológica que isola os sistemas simples de informação, para posteriormente descrever como essas informações podem ser combinadas entre si, estabelecendo relações complexas na estrutura dos discursos. Sendo assim, postula-se que o objetivo de desenvolver um modelo como o MAM “é duplo: (a) desenvolver um modelo recursivo que use um número limitado de unidades, relações e princípios gerais para (b) capturar, de forma apurada e ampla, a complexidade da organização de todas as formas possíveis de discurso” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 41).

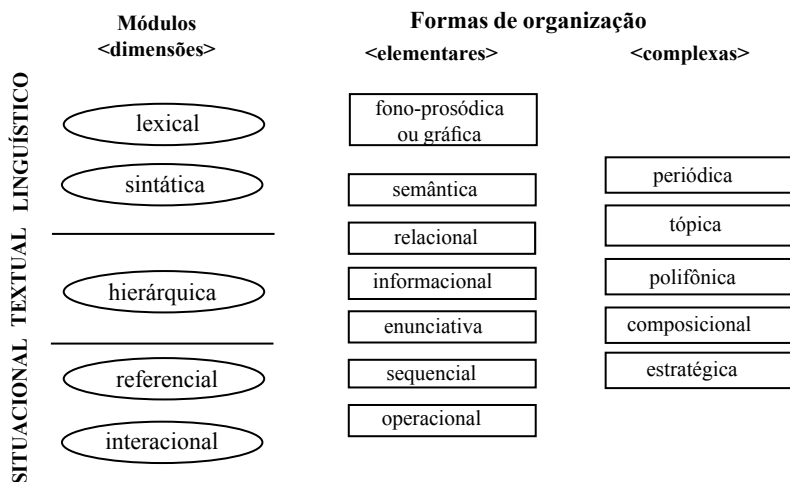
---

<sup>17</sup> Cf. Roulet; Fillietaz e Grobet (2001), os módulos são recursos descritivos que têm o objetivo de fornecer informações específicas de um domínio da organização discursiva de forma exaustiva, consistente, econômica e independente dos outros módulos.

<sup>18</sup> Cf. Roulet (1999, p. 146-147) as regras de *couplage* são responsáveis por garantir a combinação das informações do discurso, permitindo definir os tipos de constituintes discursivos, as categorias discursivas complexas, e, também, derivar as formas de organização discursivas complexas.

Nessa perspectiva, a potencialidade do MAM como ferramenta analítica reside justamente na sua capacidade de oferecer uma descrição precisa de unidades menores cuja combinação resulta em um quadro robusto de análise sobre a produção e interpretação de qualquer discurso, conforme apresentam Roulet, Filliettaz e Grobet (2001) com a figura abaixo (adaptada).

FIGURA 1 – Modelo de Análise Modular do Discurso



Fonte: Roulet; Filliettaz e Grobet (2001, p. 51).

Como se pode observar, o modelo modular oferece um quadro teórico-metodológico integrador que permite ao pesquisador diferentes percursos de análise para o tratamento da complexidade discursiva.

Para este trabalho, detemo-nos em duas formas de organização: a relacional e a estratégica. Essas formas de organização serão apresentadas de forma mais detalhada nos tópicos 3.4 e 3.5 juntamente com as informações das dimensões hierárquica e situacional.

Buscando atender ao propósito de analisar a impolidez e sua forma de operacionalização nos comentários, apresentaremos primeiro a descrição da dimensão situacional dos comentários, enfatizando o enquadre interacional e o quadro acional. Posteriormente, descreveremos a estrutura hierárquico-relacional para demonstrar o processo de negociação que ocorre nos comentários e as relações estabelecidas entre os segmentos de discurso. Finalmente, essas informações serão acopladas

com informações da forma de organização estratégica. O nosso objetivo é demonstrar a proposta do MAM para a compreensão da função das relações de discurso nos comentários utilizadas pelos interactantes como estratégias de gestão de faces, lugares e territórios.

### 3.1 A dimensão situacional: descrição das propriedades contextuais dos comentários

Como se pode observar, o MAM é organizado com base em três componentes: *o linguístico, o textual e o situacional*. A dimensão situacional é composta por dois módulos: *o interacional e o referencial*. O *módulo interacional* trata da materialidade da interação. A partir da consideração de que toda interação é estabelecida por meio de um canal, que organiza os interactantes entre si no tempo e no espaço e define suas possibilidades de agir e de retroagir, o MAM propõe a definição da materialidade da interação por meio de três parâmetros: o canal, o modo e o tipo de vínculo da interação. Com esses parâmetros é possível descrever se a interação se realiza por meio de canal oral, escrito ou gestual, se há copresença espaço-temporal, se há possibilidade ou não de reciprocidade entre os interactantes. De acordo com Cunha e Tomazi (2019), “o resultado do estudo do módulo interacional é um quadro em que se expressa a materialidade dos diferentes níveis interacionais de que uma interação se constitui” (CUNHA; TOMAZI, 2019, p. 302).

O enquadre da interação aqui analisada pode ser assim representado na Figura 2.

FIGURA 2 – Enquadre interacional da interação

jornalista	comentador	personagem	personagem	comentador	leitor dos comentários	público leitor
		escrito distância espaço-temporal não reciprocidade				
	escrito distância espacial; distância temporal relativa reciprocidade					
	escrito distância espacial; distância temporal relativa reciprocidade					
escrito distância espaço-temporal reciprocidade relativa						

Fonte: elaboração da autora.

O enquadre interacional descreve os níveis de embotamento da interação. No nível mais externo do quadro, está a interação que se estabelece entre o jornalista Matheus Pichonelli, autor da matéria, e o público leitor, possivelmente aqueles interessados em conteúdo do universo político. Nesse nível, o canal é escrito, há distância espaço-temporal e reciprocidade relativa.

A reciprocidade relativa aqui descrita diz respeito à possibilidade de retroação de uma das partes da interação, por exemplo, os internautas geralmente reagem ao conteúdo divulgado na mídia. No entanto, o contrário raramente acontece, ou seja, a instância midiática ou seu representante não responde aos leitores por meio de um comentário. Para isso, geralmente são utilizadas outras ferramentas ou plataformas que não se enquadram na nossa análise.

No nível intermediário do quadro, está representado o leitor dos comentários. Esse terceiro integrante é assim considerado porque ele se comporta como um espectador do diálogo entre as instâncias agentivas da interação (CUNHA; TOMAZI, 2019), ou seja, a interação entre os comentaristas acontece na “presença” desse leitor, que não intervém verbalmente, mas assiste e acompanha a ação dos interagentes. A interação nesse nível se caracteriza pelo canal escrito, distância espacial, copresença temporal relativa e não reciprocidade. Nesse nível, há ainda um nível interno no qual dialogam os comentaristas, caracterizado pelo canal escrito, distância espacial, copresença temporal relativa (existe a possibilidade de os comentaristas interagirem entre si em tempo real) e pela reciprocidade. Por fim, no nível mais interno da interação, estão os personagens do universo narrado. Esse nível se caracteriza pelo canal escrito, distância espaço-temporal e não reciprocidade.

As informações apresentadas no enquadre interacional são relevantes para o estudo da interação conflituosa porque explicita as possibilidades e as restrições que a materialidade da interação impõe a seus participantes no desenvolvimento de suas ações. Segundo Cunha, “a relevância do estudo da materialidade da interação está no impacto que ela exerce sobre o desenvolvimento da interação” (CUNHA, 2019, p. 303). E isso poderemos observar na acoplagem dessas informações no estudo da forma de organização estratégica.

Como mencionado, a dimensão situacional é constituída ainda pelo *módulo referencial*. Esse módulo é definido como “o componente elementar do modelo modular, especializado na descrição das relações

que o discurso mantém com o mundo em que é produzido, bem como com os mundos que representa” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 103). Especificamente, o módulo referencial busca dar conta “de um lado, das ações linguísticas e não linguísticas realizadas ou designadas pelos locutores, e, por outro lado, dos conceitos envolvidos em tais ações” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 103), buscando retratar as representações esquemáticas (praxiológicas e conceituais) subjacentes ao discurso e também as representações emergentes (praxiológicas ou conceituais) resultantes de situações interacionais específicas.

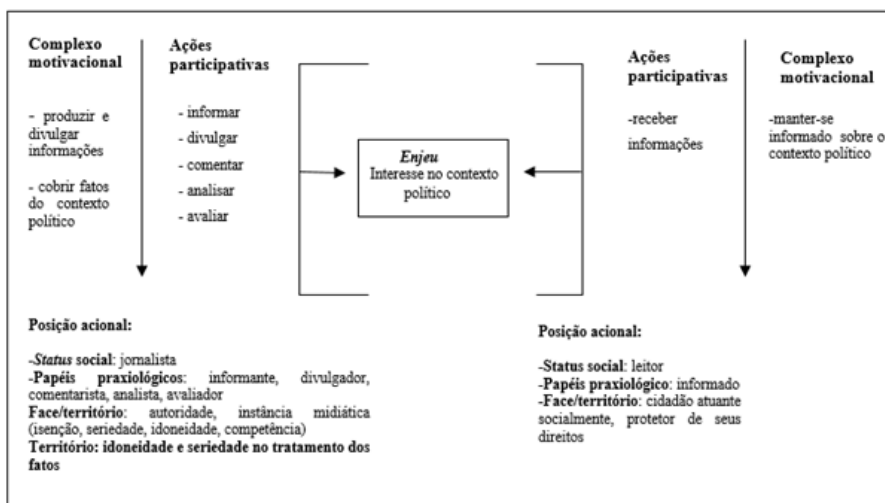
A descrição das propriedades de uma situação interacional específica é feita por meio da articulação de quatro parâmetros: os *enjeux* comuns, as ações participativas, as posições acionais e os complexos motivacionais. Os *enjeux* comuns designam o que os interactantes fazem juntos ou o objetivo compartilhado que articula seu compromisso com a ação coletiva, enquanto as ações participativas referem-se aos objetivos individuais, isto é, “as parcelas interdependentes de responsabilidade que cabem a cada um dos interagentes na emergência de um *enjeux* comum” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 114). As posições acionais dizem respeito à representação das identidades de cada interagente que são “negociadas” na interação. Em relação à posição dos agentes, vale destacar que “a posição na interação não pode ser reduzida a um único parâmetro, mas se manifesta ao mesmo tempo na forma de *status* social, papéis praxiológicos e na face que está em jogo” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 115). Finalmente, os complexos motivacionais indicam as razões exteriores que motivaram a participação de cada interactante em uma interação específica. Os autores consideram ainda que “se os objetivos aparecem como constitutivos da ação e são a base do seu significado, os motivos funcionam como um “enquadramento externo”, um “pano de fundo” que fixa a sua relevância” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 117).

Esses quatro parâmetros compõem o quadro acional que “visa explicar algumas das propriedades referenciais de uma interação verbal efetiva, entendida do ponto de vista da configuração das ações envolvidas” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 112). De forma pontual, o quadro acional procura “explicar o fato de que o discurso sempre funciona como o lugar da convergência de uma pluralidade de instâncias agentivas envolvidas não apenas em uma questão que lhes é comum, mas também

em atividades externas à interação que momentaneamente se associam” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001).

Com base nessas informações, apresentaremos dois quadros acionais da interação aqui analisada. O primeiro descreve a interação entre a instância midiática, representada pelo jornalista, e o público leitor. O quadro tem a seguinte configuração (FIGURA 3):

FIGURA 3 – Quadro acional da interação



Fonte: elaboração da autora.

Como se pode observar, a finalidade (*enjeu*) que motiva a interação entre jornalista e o público leitor é o interesse do contexto político. Em relação ao complexo motivacional, de um lado, está o jornalista que busca produzir e divulgar informações e, do outro, o leitor que busca manter-se informado sobre o contexto político. Essa relação é marcada por uma assimetria de poder que acaba definindo de maneira significativa o campo de atuação dos interagentes.

Com referência à instância midiática, o *status* de portador de um bem (informação) a que supostamente o leitor não tem acesso garante ao jornalista uma posição superior em relação a seu interlocutor. Essa assimetria estabelece entre eles uma relação de dependência do leitor em relação a quem produz e divulga informações e define as ações participativas do jornalista (informar, divulgar, comentar, avaliar etc.)



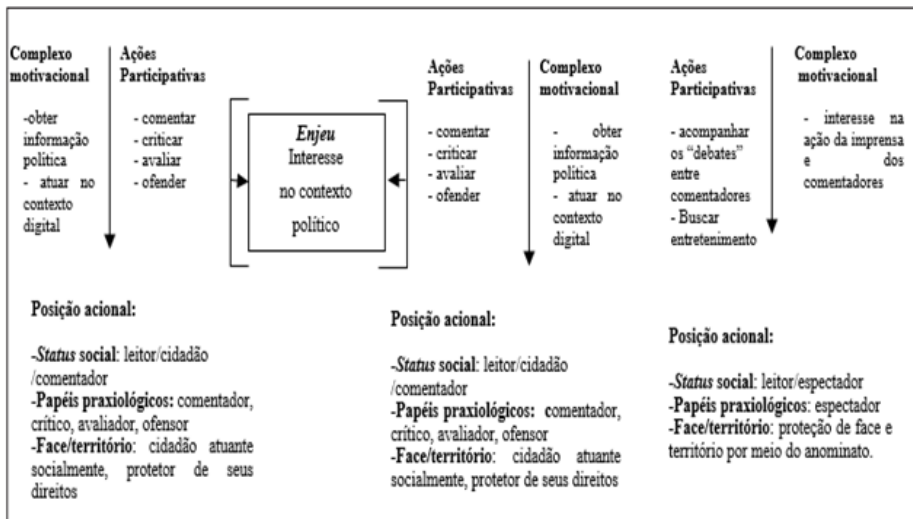
e de seu interlocutor (receber informações). A relação entre eles indica ainda que o campo de ação do jornalista é mais amplo no que se refere aos papéis praxiológicos. O *status* de jornalista confere ao seu portador o papel de *informante, divulgador, comentarista, analista, avaliador*, enquanto o papel praxiológico representado pelo leitor é o de *informado*, papel social mais restrito. Submetido a essa relação, o leitor é mais passível de ser influenciado pelo seu interlocutor do que o contrário e essa influência pode implicar consequências quanto a padrões de comportamento no meio social.

No entanto, em razão da possibilidade da reciprocidade relativa proporcionada pelo suporte digital entre os interagentes, o leitor pode retroagir discordando, comentando ou criticando os fatos que lhe são apresentados pelo jornalista. A ausência de resposta, neste contexto, atesta a favor da estabilidade do *status* social e dos papéis praxiológicos assumidos pelos interagentes da interação, que impossibilita uma flexibilização entre eles.

O *status* social remete ainda à face reivindicada pelo jornalista que se refere a sua autoridade como instância midiática. No modelo de análise modular, a noção de face está relacionada à posição acional dos interactantes, à noção de *status* social e aos papéis praxiológicos de cada um deles. No tocante ao jornalista, a sua face está relacionada à imagem de isenção, seriedade, idoneidade e competência no tratamento dos fatos. Assim, todos esses elementos relacionados à sua credibilidade profissional constituem o território que o jornalista busca defender de possíveis ataques. Por sua vez, o leitor invoca para si a imagem de cidadão atuante socialmente (o que justifica seu interesse por política) que se preocupa com a defesa de seus direitos e com a ética cidadã.

A interação aqui analisada comporta ainda o nível em que dialogam os comentaristas. O segundo quadro acional que descreve o nível interno da interação pode ser assim representado:

FIGURA 4 – Segundo quadro acional da interação



Fonte: elaboração da autora.

O quadro acional acima pode ser assim sintetizado: a finalidade (*enjeu*) dessa interação é o interesse no contexto político. Os complexos motivacionais dos leitores/comentadores que dialogam no nível mais interno da interação são correspondentes, pois demonstram o interesse desses interagentes em obter informações sobre o contexto político e em atuar no contexto digital. Por outro lado, o complexo motivacional do leitor/espectador está relacionado ao seu interesse na ação da imprensa na divulgação dos fatos e na reação de outros em relação a essas ações.

O *status* de cada um deles na interação (leitor/comentador, leitor/espectador) define as ações participativas (comentar, criticar, avaliar, ofender) do leitor/comentador e as ações do leitor/espectador (espectador, ser entretido) e, conseqüentemente, os seus papéis praxiológicos *comentador, crítico, avaliador, ofensor* e *entretido, espectador*, respectivamente.

Em relação à gestão de faces e territórios, o leitor espectador busca a proteção de seu território por meio da não ação, pois qualquer atuação nesse contexto é passível de uma reação por parte de um interlocutor. Dessa maneira, o leitor/espectador protege também a sua face positiva se mantendo no anônimo. Ao contrário, os leitores/comentadores buscam demonstrar por meio de seus comentários que são cidadãos atuantes

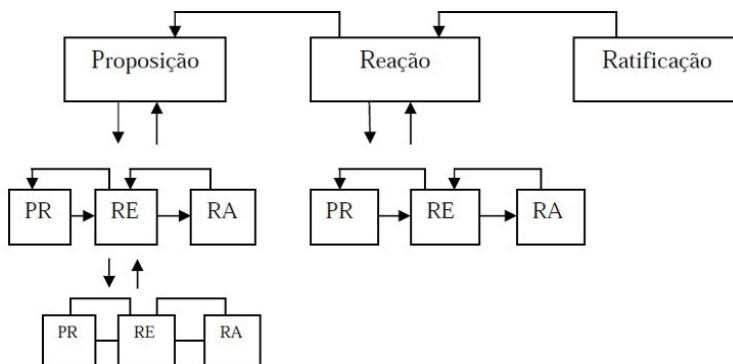
e preocupados com o contexto político e também protetores de seus direitos. Além disso, a noção da presença de um terceiro participante (leitor espectador) potencializa a ação dos leitores/comentadores tanto na defesa de “bens e direitos” que podem ser comuns a eles no meio social, quanto no ataque aos seus supostos oponentes.

As informações da dimensão situacional são relevantes porque ajudam a entender a dinâmica da interação. Essa dinâmica está relacionada à postura que pode ser assumida ou não pelos interagentes em razão de seu estatuto social, as ações que poderão ser legitimadas ou não em determinado contexto e, enfim, as manobras e a escolha das estratégias que cada interagente pode realizar em função de sua “posição” na interação.

### 3.2 A dimensão hierárquica: descrição dos constituintes da estrutura textual

O *módulo hierárquico*, que compõe sozinho o componente textual, implica necessariamente a noção de negociação. Isso porque Roulet; Fillietaz e Grobet (2001) partem da hipótese de que “toda intervenção linguageira (saudação, pedido, asserção, etc.) constitui uma PROPOSIÇÃO que desencadeia um processo de negociação entre os interactantes” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 57). O processo de negociação é composto de três estágios: proposição/reação/ratificação, conforme especificado na Figura 5. Esses três estágios constituem uma troca.

FIGURA 5 – esquema do processo de negociação



Fonte: Roulet, Fillietaz e Grobet (2001, p. 57)

Cunha (2014, p. 39) exemplifica esse processo de negociação por meio de um diálogo formado por uma Proposição (pergunta) *Que horas são?*, complementada por uma Reação (resposta) *São nove horas*, e finalizada com uma ratificação (agradecimento) *Obrigado*. Esses elementos (proposição/reação/ratificação) compõem a estrutura hierárquica de qualquer interação.

Conforme especificam Roulet, Filliettaz e Grobet (2001, p. 57-58), todo processo de negociação está submetido a dois tipos de restrição: a de completude dialógica e a de completude monológica. A completude dialógica diz respeito ao alcance do duplo acordo que define o encerramento do processo de negociação, enquanto a completude monológica diz respeito à necessidade de que cada fase do processo de negociação seja suficientemente clara e completa para possibilitar o desenvolvimento da negociação. Quando um dos interactantes considera que a informação compartilhada é pouco clara ou insuficiente, é possível a manobra de abertura de uma negociação secundária, “motivada pela necessidade de esclarecimento” (CUNHA, 2014, p. 41). Em uma interação conflituosa, por exemplo, é recorrente a não ocorrência da completude dialógica em função da alta recursividade de contra-argumentação características nesta modalidade,<sup>19</sup> que impede que os interactantes alcancem o duplo acordo.

Para estudar o processo de negociação do ponto de vista textual, o módulo hierárquico propõe um importante instrumento de análise: a estrutura hierárquica. Essa estrutura hierárquica, que serve para representar formalmente um processo de negociação, é formada por três constituintes: troca, intervenção e ato. Cunha (2014, p. 42) apresenta um resumo importante que define esses constituintes:

*Troca*: unidade textual máxima formada por intervenções que refletem as várias proposições, reações e ratificações de uma negociação.

*Intervenção*: unidade constitutiva da troca, que pode ser formada por apenas um ato, mas que costuma apresentar uma configuração complexa, da qual participam outras intervenções, atos e até mesmo trocas.

---

<sup>19</sup> Para mais detalhes sobre como ocorre este processo de negociação em interações conflituosas, ver Cunha (2019).

*Ato*: unidade textual mínima, que constitui a menor unidade delimitada por uma e outra passagem da memória discursiva.

Além dos três constituintes de base apresentados acima, a estrutura hierárquica também define as relações que se estabelecem entre eles. Roulet, Filliettaz e Grobet (2001) postulam três tipos de relações: dependência, interdependência e independência. Existe uma relação de dependência “quando a presença de um constituinte está ligada à de outro (mas não o inverso): o constituinte dependente, que pode ser removido sem causar danos à estrutura geral, é considerado subordinado, e o outro é denominado principal” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 55). A relação de interdependência existe quanto um dos constituintes não pode existir sem o outro. Retomando Marinho (2004), Cunha (2014) exemplifica essa relação de interdependência com uma troca formada por pergunta e resposta, “já que a resposta depende da pergunta e vice-versa” (CUNHA, 2014, p. 43). Finalmente, a relação de independência existe “quando a presença de cada um dos constituintes não está ligada à de outro” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 55).

Ao descrever de forma detalhada os constituintes e a posição de um ato em relação ao outro, a estrutura hierárquica permite “visualizar” uma versão espelhada do que ocorre na interação, demonstrando, como observam Roulet, Filliettaz e Grobet (2001), a face emergente de um processo dinâmico de negociação.

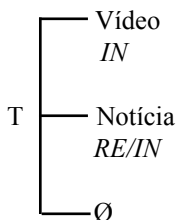
### **3.3 A forma de organização relacional**

A forma de organização relacional é uma forma de organização elementar, resultante da combinação de informações das dimensões hierárquica, referencial e sintática, que trata das relações ilocucionárias e das relações interativas genéricas estabelecidas entre os constituintes de um texto. As relações ilocucionárias podem ser: iniciativas (pergunta, pedido, informação) e reativas (resposta, ratificação). As relações interativas genéricas marcam a função e as relações de discurso que se estabelecem entre um ato em relação ao seu sucessor ou antecessor. As relações de discurso são: topicalização, reformulação, argumento, preparação, sucessão, comentário, clarificação etc. Assim, as relações ilocucionárias iniciativas ou reativas caracterizam os constituintes que se dão no nível da troca; as relações interativas caracterizam os constituintes da intervenção (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001).

As informações provenientes da descrição dos constituintes relacionais indicam as relações discursivas predominantes no texto e podem ser combinadas com outras formas de organização o que possibilita a análise de formas complexas do discurso (MARINHO, 2004), como a forma de organização estratégica, por exemplo.

### 3.4 Análise da estrutura hierárquico-relacional nos comentários

A estrutura hierárquico-relacional fornece informações não só em relação à macroestrutura da troca (proposição, reação, ratificação), mas também de sua microestrutura, ou seja, a relação entre os constituintes de cada intervenção. No que se refere à macroestrutura do processo de negociação, observa-se que a interação que se estabelece entre a instância midiática e os comentaristas apresenta certa complexidade. Isso porque a notícia da qual decorrem os comentários analisados está em posição intermediária no processo de negociação, representando uma reação ao vídeo divulgado pelo presidente Jair Bolsonaro em suas redes sociais. Sendo assim, o vídeo publicado é uma intervenção inicial que se liga a notícia por meio de uma relaçãoilocucionária iniciativa de informação (IN), enquanto a notícia do jornalista Matheus Pichinelli, publicada no site *Yahoo Notícias*, é uma intervenção reativa que se relaciona com o vídeo por meio de uma relaçãoilocucionária reativa de resposta (RE), servindo também como fonte de informação (RE/IN) para os comentários que a sucedem. Não há ratificação “identificável” neste processo de negociação o que sugere que a negociação poderia se estender para novos artigos de opinião, notícias *etc.* por meio de um efeito espiral contínuo. Com isso, evidencia-se um ambiente polêmico no qual as ações não estão voltadas meramente para a divulgação de informações, mas para uma disputa de pontos de vista que motiva a “discordância em cadeia” que, por sua vez, compromete o fechamento (ratificação) do processo de negociação que não pode ser recuperado. Esse processo de negociação pode ser descrito da seguinte forma.



Como o nosso intuito é a análise dos comentários publicados em resposta à notícia, o nosso foco será dado à intervenção que se estabelece a partir dela (RE/IN). Ao iniciar uma nova proposição, a notícia se liga aos comentários por meio de uma relação ilocucionária iniciativa de informação (IN), marcada pelo turno declarativo e pela posição que ocupa na estrutura da troca. Os comentários que a sucedem se ligam a ela por uma relação ilocucionária reativa de resposta (RE). Embora a maioria dos comentários seja considerada uma reação em relação à notícia, verifica-se que os comentadores não se comportam da mesma forma o que pode indicar, no que diz respeito aos aspectos referenciais de organização desses discursos, que as motivações desses interagentes são distintas e se relacionam não só com as informações divulgadas na notícia, mas também com as particularidades do universo discursivo de cada um deles.

A notícia da qual decorrem os comentários está representada abaixo pelo seu título *Para Bolsonaro, "hienas"* são todos os que não se curvam à sua majestade. A notícia representa a intervenção (I) que dá início ao processo de negociação. Os comentários decorrentes da notícia estão identificados por (I1, I2, ..), que representa cada uma das intervenções. Os números referem-se à segmentação do discurso em atos. Essa divisão é necessária para determinar o limite de cada ato, facilitando a visualização das relações de discurso entre eles.

I1: (1) Bolso está tendo alucinações de grandeza! (2) Vídeo de total imbecialidade! (3) A ligação podre com o Queiroz, o cala a boca no COAF e (4) ele não quer ser questionado?! (5) Estão atacando o leão da moral e ética?! (6) O povo não pode mais ser seguidor cego, (7) Orai e "Vigiai"!

I2: (8) Nunca vi leão ser pai de oncinha, (9) não é Carluxa?

I3: (10) O BozoAsno consegue ser mais infeliz a cada novo comentário que vomita. (11) Pior presidente da história. (12) Pqp.

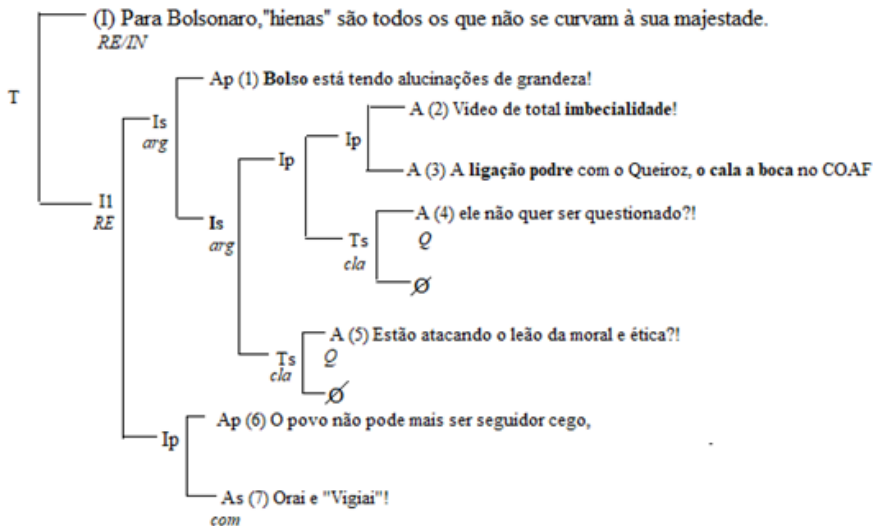
I4: (13) Engraçado é que Bolso-Asno e seu jeguinho de nº 02 não falam em processar o Fabrício Queiroz, (14) será que é a síndrome do rabo preso?

I5: (15) hienas são vcs da imprensa podre e imunda (16) além dos psicopatas da esquerda

I6: (17) Pelo nível dos comentários (18) já se desenha o perfil de quem se formou na época da escola plural.

A figura abaixo e as demais que serão apresentadas representam por meio da estrutura hierárquico-relacional<sup>20</sup> o processo de negociação que se estabelece entre a notícia e os comentaristas. Com essa estrutura, é possível visualizar e compreender de que maneira os segmentos de discurso dos comentários são organizados pelos interactantes a fim de argumentar, comentar, contra-argumentar, reformular *etc.* Posteriormente, essa análise possibilitará entender as funções estratégicas de cada um desses segmentos no agenciamento de faces, lugares e territórios.

A primeira troca da interação apresenta a seguinte estrutura hierárquico-relacional:



A primeira intervenção (I1), formada pelos atos [1-7], se liga à notícia por uma relação ilocucionária reativa de resposta. Nesta intervenção, os atos [1-5] representam uma intervenção subordinada

<sup>20</sup> Constituintes: T = troca, P = proposição; R = reação; Q = (*question*) pergunta; Ap = ato principal; As = ato subordinado; Is = intervenção subordinada. Informações relacionais: *arg.* = argumento; *inf.* = informação; *com.* = comentário; *top* = topicalização; *cla* = clarificação; *prep.* = preparação.

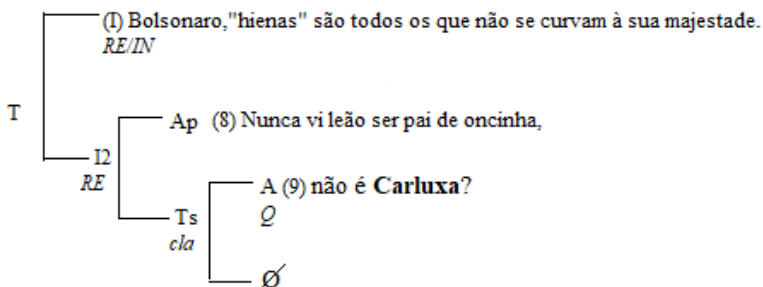


em relação aos atos [6-7] que formam uma intervenção principal. A Is [2-5] se liga à Ip [6-7] por uma relação de argumento, pois apresenta as justificativas (alucinação, publicação de vídeo com conteúdo imbecil, relações suspeitas de corrupção etc.) pelas quais o povo não deve ser mais seguidor cego do presidente, informação constante na intervenção Ip [6-7]. Essa manobra discursiva aciona a informação da memória discursiva que tem origem no conteúdo da matéria, salientando que os indivíduos devem não querer seguir uma pessoa que tenha comportamento axiologicamente negativo para determinado grupo social (ser imbecil, ser lunático, ser desonesto, etc).

A Is [1-5] apresenta a seguinte organização: a Is [2-5] se liga ao Ap [1] *Bolso está tendo alucinações de grandeza* por uma relação de argumento, apresentando as justificativas para a suposta alucinação do presidente, ou seja, divulgar vídeo imbecil, ter relações políticas e pessoais suspeitas, não querer ser questionado etc. A Ip [2-4] é principal em relação à Ts [5] que se liga a Ip [2-4] por uma relação de clarificação. Por sua vez, a Ip [2-3] é formada por dois atos coordenados entre si que evidenciam as ações questionáveis do presidente. Essa intervenção é a principal e se liga à Ts [4] por uma relação de clarificação.

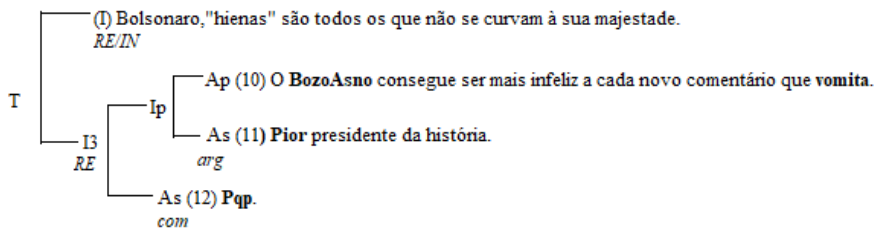
Na Ip, formada pelos atos [6-7], o ato [6] é o principal e subordina o ato [7] por apresentar a informação mais relevante de que o povo não deve ser seguidor cego de Bolsonaro, enquanto o As [7] se liga ao Ap [6] por uma relação de comentário, sugerindo uma maneira de resolver a questão *orar e vigiar*. Essa manobra apresentada no As [7] aciona informações da memória discursiva relacionadas ao universo religioso, segundo o qual a oração é uma forma de resolver os problemas mundanos.

A descrição da segunda troca que constitui a interação pode ser assim representada:



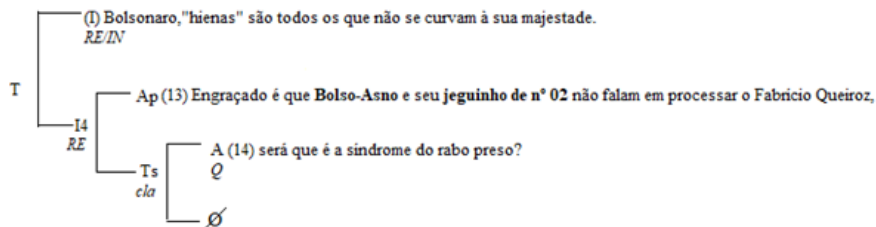
Na intervenção (I2), a Ts se liga ao Ap [8] por uma relação de clarificação. A Ts é marcada pela estrutura sintática de questionamento *não é Carluxa* no ato [9] com a qual o comentador busca uma confirmação de seu suposto interlocutor a fim de validar a informação constante no ato [8] *leão não pode ser pai de oncinha*.

A terceira troca é representada da seguinte forma:



A intervenção I3 é formada pelo As [12] e por uma Ip [10-11]. Na Ip [10-11], o Ap [10] apresenta uma metáfora desqualificante para a imagem do presidente: *não fala, vomita*. A metáfora do vômito aciona a informação da memória discursiva em torno de algo considerado negativo e de baixíssimo valor. O Ap [10] subordina o As [11] que se liga ao seu precedente por uma relação de argumento. A relação de argumento pode ser evidenciada com a inserção do conector *por isso* entre os atos [10] e [11], isto é, “O BozoAsno consegue ser mais infeliz a cada novo comentário que vomita, *por isso*, é o pior presidente da história”. A Ip [10-11] subordina o ato [12] que se liga à Ip por uma relação de comentário.

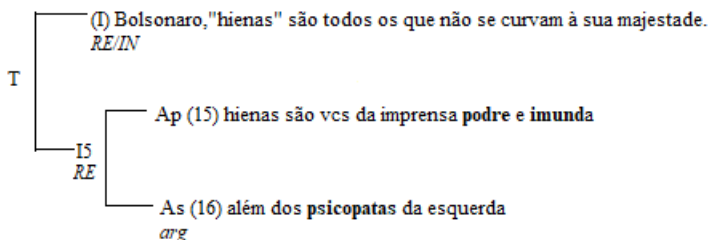
A estrutura da quarta intervenção é a seguinte:



Na intervenção I4, o Ap [13] está ligado à Ts uma relação de clarificação. Ao mencionar no Ap [13] os possíveis casos de corrupção cometidos pelo presidente, por seu filho e por Fabrício Queiroz, o comentador aciona informações da memória discursiva que tem origem

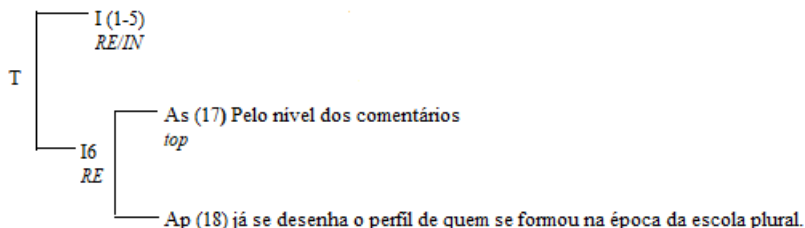
nos fatos mencionados na notícia para presentificar a relação suspeita entre os três. A informação é reforçada com o questionamento feito no ato [14].

A estrutura da quinta intervenção pode ser representada assim:



Na intervenção I5, o As [16] se liga ao Ap [15] por uma relação de argumento marcada pelo conector *além de*. Com essa informação, o comentador não só marca o seu posicionamento contrário à imprensa que considera “podre” e “imunda”, mas também acrescenta com o marcador aditivo *além de* a instrução específica de que os “psicopatas de esquerdas” também são considerados “hienas”, “podres” e “imundos”. O conector *além de* torna possível unificar os ataques contra todos os indivíduos e agentes considerados opositores do comentador. A informação a respeito dos supostos opositores (imprensa, esquerda) é ativada com a informação da memória discursiva sobre a polarização do contexto político e tem como fonte o contexto imediato do comentador.

A descrição da última intervenção é a seguinte:



Por fim, a intervenção I6 apresenta o As [17] deslocado à esquerda que topicaliza a informação constante no Ap [18]. O ato [18] ativa a memória discursiva que tem como fonte o conhecimento de mundo do comentador em relação ao contexto educacional formal e manifesta a

parte mais relevante do posicionamento do comentador, desmerecer os demais comentadores.

As relações discursivas apresentadas acima serão agora submetidas a uma nova etapa da análise na qual buscaremos evidenciar a função de cada uma delas na ação dos interagentes e na forma como agenciam os seus discursos para a manutenção e negociação de faces, lugares e territórios.

#### **4 O trabalho de face nos comentários: análise da forma de organização estratégica**

Conforme especificam Roulet, Filliettaz e Grobet, “o estudo da organização estratégica visa a descrever a forma como o escritor ou os interlocutores administram as relações de posições acionais e lugares no discurso” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 351).

Em relação à análise do *processo de figuração*<sup>21</sup> com o qual os interagentes administram as suas intervenções no sentido de gerenciar as relações sociais, é possível perceber que os comentários apresentam uma particularidade em relação a esse agenciamento. Observa-se que não há por parte dos comentadores uma tentativa expressa de “manutenção de face”, pelo contrário, os comentários analisados se caracterizam como instâncias discursivas organizadas em torno de ataques verbais pontualmente direcionados não só aos interagentes imediatos da interação, mas também a terceiros que de alguma maneira os comentadores consideram como seus “oponentes” e, por isso, mercedores de seus ataques.

Outro ponto que merece destaque em relação à configuração dos comentários diz respeito ao fato de os comentários apresentarem uma pseudoargumentação, caracterizada por informações muito fluidas e sem comprovação, que geralmente retomam, alteram ou reforçam apenas o que foi divulgado pelo jornalista na intervenção inicial, a notícia. Dessa forma, a argumentação construída pelos comentadores indica que a ação de cada um deles não demonstra intenção de construção de um diálogo ou de debate que visa à defesa de uma tese ou o convencimento de um interlocutor. De forma geral, os interactantes buscam sustentar os

---

<sup>21</sup> “Processo por meio do qual os interlocutores empregam estratégias discursivas pertencentes a diferentes planos de organização do discurso para realizarem a gestão dessas relações e negociarem imagens identitárias” (CUNHA; TOMAZI, 2019, p. 300).

seus pontos de vistas apenas com base na desqualificação dos supostos adversários. A ausência dessa interlocução, no contexto analisado, pode ser observada pela recorrência de várias trocas subordinadas (que têm como objetivo a abertura de esclarecimento entre os interlocutores) nas quais as perguntas ficam sem resposta, refletindo pouca reciprocidade entre os interagentes.

Na I1, o comentador dialoga com o jornalista, representante da instância midiática, reagindo às informações apresentadas por ele na matéria. Para isso, o comentador faz referência aos personagens do mundo narrado (Bolsonaro, Queiroz), construindo a sua intervenção com base nas informações da memória discursiva fornecidas pela matéria. Sendo assim, o comentador assume o seu estatuto de cidadão para apresentar com a Is [1-5] a sua visão dos fatos e os argumentos que visam à desqualificação da figura do presidente, a saber, “ser alucinado, divulgar vídeos imbecis, manter relações suspeitas com investigados da justiça *etc*”. Os argumentos são apresentados para sustentar a tese de que as pessoas não devem ser mais seguidoras cegas do referido político Ip [6-7]. Na Is [1-5], o ato [1] demonstra a convicção do comentador ao afirmar a suposta alucinação de *Bolso*. Com essa manobra, o comentador ataca não só a face positiva do presidente com o emprego de nomeações inadequadas *Bolso*, mas também a sua face negativa ao invocar a existência de um possível distúrbio mental que o estaria acometendo. A Is [2-5] apresenta os argumentos que justificam a crença de uma possível alucinação. Na Ip [2-4], os atos subordinados [2] e [3] enfatizam as supostas evidências de sua alucinação (publicar vídeo imbecil, ter ligações suspeitas com investigados da justiça, a tentativa de silenciar um órgão de controle financeiro *etc.*). Essa posição do comentador é uma tentativa de ataque à face negativa do mencionado, ao relacioná-lo a aspectos axiologicamente negativos, como a corrupção, por exemplo, que é invocada por meio de expressões como *ligação podre, o cala boca no COAF*. Ao iniciar uma Ts de clarificação em relação à Ip [2-3], o comentador estrategicamente reforça a ideia de “alucinação de Bolso” no ato [4], ou seja, só pode ser “alucinado” alguém que comete vários tipos de desvios e que mesmo assim não quer ser questionado. O ato [4] pode ser considerada uma pergunta retórica que, dada a ausência de reciprocidade entre o comentador e os mencionados, não será respondida, mas funciona como reforço para os fatos citados nos atos anteriores. A mesma estratégia é utilizada com a outra Ts iniciada posteriormente no ato [5]. Com isso, a face positiva do presidente é mais uma vez atacada.

Paralelamente, o comentador ataca também a face positiva dos seguidores do presidente, considerados por ele como “seguidores cegos”, no As [6]. No entanto, ao considerar a existência do “seguidor cego”, o comentador usa a palavra “o povo” para se referir a eles. Ao evitar o uso do pronome “nós”, o comentador se distancia desse grupo, criando para si a imagem de que não é “cego” como os demais e que, por isso, consegue “enxergar” os supostos desvios de conduta do presidente. Colocando-se dessa forma, o comentador reivindica para si um lugar superior em relação aos demais e que, por isso, pode ser condescendente com eles, ofertando-lhes não só a sua “verdade”, mas também o seu “conselho” para a solução do problema, *orai e vigiai*, no As [7]. A estratégia de impolidez negativa de condescender é utilizada aqui pelo comentador para reivindicar para si uma imagem positiva de quem se preocupa com os demais. No entanto, essa estratégia pode também, ser interpretada como um tipo de invasão do território alheio na oferta de algo que não foi solicitado. Além disso, a possibilidade de reciprocidade entre os comentadores parece definir o tom mais ameno da Ip [6-7] uma vez que o comentador parece reconhecer que ser menos ofensivo é uma forma de proteger a sua face contra possíveis ataques e represálias por parte dos outros interagentes.

Na I2, o comentador também reage à notícia, mencionando os personagens do mundo narrado. Ele utiliza o Ap [8] para inserir em tom de ironia a informação cujo conteúdo é ameaçador para a face negativa do mencionado. Consideramos isso porque a informação contida nesse ato ativa a inferência da homossexualidade com a qual o comentador pretende atingir a face negativa de um terceiro, o *Carluxa*, filho do presidente. Com essa manobra, o comentador invade o território alheio ao colocar em voga assuntos que podem ser considerados muito particulares como a sexualidade, por exemplo. Mas, ao fazê-lo por meio de uma ironia se beneficia do fato de que a ironia pode ser interpretada, na superfície, como não impolida. Essa parece ser a estratégia utilizada pelo comentador em I2 com a inserção da Ts de clarificação com a qual o comentador “simula” buscar concordância com seu interlocutor, pedindo-lhe um “esclarecimento”. No entanto, o que essa relação discursiva materializa é a inserção pontual do alvo a quem se dirige o ataque, ou seja, o *Carluxa*. A ironia é uma estratégia de figuração importante porque é considerada mais “engenhosa, espirituosa, e ou divertida do que um caso direto de impolidez. Uma vantagem disso é que melhora a face da pessoa irônica

enquanto ataca a face do alvo” (LEECH, 2014, p. 235). No entanto, no que diz respeito ao seu efeito, consideramos com Culpeper que as formas mais indiretas de impolidez não devem ser consideradas menos impolidas do que as formas mais diretas uma vez que elas podem ter um potencial ofensivo igual ou até maior que as formas mais diretas (CULPEPER, 2005). Além disso, a reciprocidade relativa ou unilateral parece favorecer a face do comentador/ofensor, porque ele pode se beneficiar da ausência de contra-ataque para maximizar a sua ação impolida contra os seus supostos oponentes.

É o que parece ocorrer na I3 quando o comentador ataca triplamente a face positiva de Bolsonaro. Primeiro, ele utiliza a nomeação imprópria *Bozo-asno* e a metáfora do vômito para se referir aos seus comentários no Ap [10] e, posteriormente, acrescenta por meio da relação discursiva de argumento, no ato [11], uma conclusão com a qual insere uma avaliação negativa em relação ao desempenho de Bolsonaro *pior presidente da história*. Essas ações são pontualmente ameaçadoras para a face positiva de Bolsonaro. A primeira porque infere a reduzida capacidade intelectual do presidente, o que se configura como um ataque direto (*bald on record*) a sua face positiva. Além disso, como especifica Leech (2014), “a metáfora animal é um insulto agravado” (LEECH, 2014, p. 226). Por sua vez, a metáfora do vômito e outros termos tabu que fazem alusão ao sexo, a excreções corporais *etc.* geralmente são utilizados para potencializar a rudeza de uma expressão, ou seja, “podem exacerbar a ameaça à face” (LEECH, 2014, p. 230). Enfim, o emprego da construção hiperbólica *pior da história* no ato [11] é utilizada para depreciar a imagem do presidente. Além disso, no ato [12], a expressão PQP (Putá que pariu), que faz parte dos termos tabu com potencial agravante da ofensa, serve aqui para expressar uma emoção negativa de aborrecimento, de irritação em relação ao presidente e a suas ações. No que diz respeito às relações de lugares, na I3, elas se mostram bastante fluidas. Isso porque o comentador, indivíduo comum, reivindica um lugar mais alto em relação a um membro do governo, por exemplo. É o que observa com a atuação do comentador que, investido de seu estatuto de cidadão, pode emitir críticas e avaliações contra alguém que socialmente ocupa um posto mais elevado na sociedade, o de presidente da República. Essa fluidez na relação de lugares é especificada por Roulet, Fillietz e Grobet na consideração de que “o lugar não é um parâmetro da configuração da ação, mas um produto da inter-relação” (ROULET;

FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 353) e que, por isso, é possível um orador ocupar um lugar baixo em relação ao seu interlocutor no início de uma interação e gradualmente ir negociando um lugar mais alto em relação a seu interlocutor.

Na I4, o comentador utiliza a nomeação depreciativa *Bolsasno e jeguinho n° 2* (metáfora animal insultuosa) para se referir aos seus desafetos no Ap [13], o que configura um ataque direto à face positiva dos dois mencionados. A presença da nomeação depreciativa em um ato principal evidencia ainda a intenção do comentador em atribuir maior peso/importância justamente ao ataque à face positiva dos mencionados. Além disso, essas metáforas são ofensivas porque ativam por meio da informação da memória discursiva uma crença negativa relacionada à insuficiente capacidade intelectual desses indivíduos. Os seus territórios também são invadidos na menção feita a uma suposta ação desonesta praticada por eles. Observa-se também que a estratégia de inserir uma pergunta retórica por meio de uma relação de clarificação no ato [14] é utilizada pelo comentador para colocar em xeque a conduta dos mencionados e não para pedir esclarecimento. Com essa manobra, o comentador procura potencializar o ataque à face positiva dos três mencionados, sugerindo que eles escondem ações consideradas criminosas.

Na I5, o comentador dirige os seus ataques a dois supostos grupos de opositores, a imprensa (podre, imunda) e os filiados dos partidos de esquerda (psicopatas). Com essa manobra, o comentador busca atingir a imagem positiva do jornalista, representante da instância midiática, colocando em xeque a seriedade desse profissional e, conseqüentemente, a sua imagem positiva. Isso porque os adjetivos “podre” e “imunda” se descolam de seus sentidos “originais” e acionam informações da memória discursiva que, neste contexto, inferem atos ilícitos e desonestos em relação ao tratamento dos fatos apresentados. Essa estratégia se caracteriza como uma ameaça ao território (idoneidade e seriedade no tratamento dos fatos) do jornalista. No que se refere às relações de lugar, o comentador se coloca em uma posição superior em relação ao jornalista e investido por seu estatuto de cidadão considera que pode criticar a conduta considerada inadequada de seu interlocutor. O jornalista, por sua vez, é constrangido pelas restrições da interação (ausência de reciprocidade), que o impedem de tentar reaver o seu lugar superior, conferido pelo estatuto de representante da mídia.



Ao utilizar o marcador “além de”, o comentador adiciona ainda “os psicopatas” de esquerda, que também devem ser considerados no grupo das “hienas”, “podre”, “imunda”, que tenta atacar a figura do presidente. O termo “psicopata” remete ainda ao universo patológico com o qual o comentador busca classificar os indivíduos pertencentes aos movimentos de esquerda como “doentes”, no sentido pejorativo do termo. A ideia de polarização, que consiste em estabelecer campos inimigos, é acionada nesse comentário e reforça a noção do “eu” contra o “outro”. Um “eu” honesto e íntegro que se opõe ao “outro” (podre, imundo, psicopata”. Essa estratégia pode ser compreendida como uma tentativa de reforço da face positiva do comentador e ao mesmo tempo um ataque à face de seus opositores.

Finalmente na I6, a postura do comentador difere das demais intervenções. Nessa intervenção, o comentador dialoga com os outros comentadores. No que se diz respeito às relações de lugar, ele se coloca em um lugar superior em relação aos demais comentadores. Essa postura é expressa no Ap [18] quando ele demonstra certo “desprezo” pelas pessoas formadas na escola plural. O As [17] topicaliza essa informação marcando a noção a partir da qual a avaliação negativa do comentador é construída. Assim, o comentador busca atingir a face positiva de seus interlocutores, desacreditando a validade de seus comentários, em razão de uma crença negativa sobre a sua insuficiente formação escolar. Com isso, o comentador busca também construir para si a imagem positiva de alguém “mais instruído” que está acima dos comentadores considerados “menores” e não dignos de confiança. Ao mesmo tempo, esse tipo de comportamento pode indicar ausência de modéstia o que pode depor contra a face positiva do comentador ao ser considerado como alguém arrogante ou esnobe. Na I7, é possível perceber ainda que apesar de não apresentar as marcas características de um ato impolido como xingamento, ameaças, insultos *etc.*, o efeito impolido é alcançado por meio de uma implicatura que invoca a crença negativa de que pessoas não escolarizadas são menos capazes que as demais, ou seja, o descrédito lançado sobre as pessoas ajuda a desconstruir a validade de sua fala.

### **Considerações finais**

Neste trabalho, buscou-se evidenciar a partir de duas abordagens teóricas, a saber, a perspectiva elaborada por Culpeper (1996, 2005)

e a abordagem discursiva-interacionista de análise modular (MAM) (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001), as estratégias utilizadas pelos interactantes no meio digital para a gestão de faces, lugares e territórios. Como apontou a análise, a ação dos comentadores na realização de seus comentários não se caracteriza por um processo de figuração que visa a amenizar o grau ofensivo da interação. Ao contrário, percebe-se que os comentadores se mostram motivados a promover a ofensa de forma deliberada, buscando atingir a face de seus supostos oponentes. É o que aponta a alta recorrência das estratégias de impolidez identificadas em todas as intervenções em oposição à inexistência de estratégias de polidez. Dessa forma, os comentários tendem a se configurar como um vetor de comportamentos impolidos, sobretudo, os comentários relacionados ao contexto político, indicando uma forte polarização social e um desequilíbrio nas relações sociais entre grupos supostamente opostos.

No que se refere à gestão de faces, territórios e lugares, percebe-se que há uma tendência à materialização de ataques à face positiva dos interagentes por meio de nomeações impróprias, xingamentos, uso de termos tabu, metáforas insultuosas *etc.* Essa tendência pode ser revelada não só pela identificação das estratégias de impolidez, mas também pelas relações de discursos que indicam que uma relação de clarificação entre dois atos, por exemplo, pode estar sendo utilizada como estratégia de ataque à face alheia e não como um mero pedido de esclarecimento. Além disso, observa-se que os interagentes agem não só para atacar as faces alheias, mas também buscam manter uma imagem positiva perante os demais. Outro fator relevante é que as restrições interacionais a que estão submetidos os interagentes parecem contribuir de maneira significativa para a ação de cada um deles, ora possibilitando a potencialização do ato impolido, por meio de xingamentos e metáforas pejorativas, ora oferecendo a “proteção” necessária para que se sintam livres para a prática ofensiva, sem a possibilidade de serem contra-atacados. Além disso, com base nos estatutos sociais reivindicados por eles, os comentadores buscam atuar de maneira pontual criticando, avaliando, julgando e buscando alterar os lugares e as imagens que possuem de si e dos outros na interação.

A análise de todos esses aspectos indica que a impolidez pode ser investigada para além de uma simples classificação dos atos em polidos ou impolidos. Acredita-se que a análise que tem como base os aspectos contextuais, referenciais e textuais, a partir dos recursos fornecidos

pelo MAM, pode ampliar de maneira significativa o estudo dos atos impolidos, ao oferecer suporte metodológico para a investigação da ação dos interagentes nas interações conflituosas. É dessa forma que o MAM pode ampliar a análise da impolidez: fornecendo instrumentos mais precisos para a verificação da impolidez em contextos diversos.

## Referências

- AMOSSY, R.; BURGER, M. Introduction: la polémique médiatisée. *Revue de Sémio-Linguistique des Textes et Discours*, Besançon, v. 31, n. 1, p. 7-24, 2011.
- AMOSSY, R. *Apologia da polêmica*. São Paulo: Contexto, 2017.
- ARUNDALE, R. B. An Alternative Model and Ideology of Communication for an Alternative to Politeness Theory. *Pragmatics*, [S.l.], v. 9, n. 1, p. 119-153, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1075/prag.9.1.07aru>
- BALOCCO, A. E.; SHEPHERD, T. M. G. A violência verbal em comentários eletrônicos: um estudo discursivo-interacional. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 33, n. 4, p. 1013-1037, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-44506536361317067>
- BOUSFIELD, D. *Impoliteness in Interaction*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1075/pbns.167>
- BOUSFIELD, D.; LOCHER, M.A. *Impoliteness in Language: Studies on Its Interplay with Power in Theory and Practice*. New York: Mouton de Gruyter, 2008.
- BROWN, P; LEVINSON, S. *Politeness: Some Universals in Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511813085>
- CRAIG, R., TRACY, K.; SPISAK, F. The Discourse of Requests: Assessment of a Politeness Approach. *Human Communication Research*, [S.l.], v. 12, n. 2, p. 437-468, 1986. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1468-2958.1986.tb00087.x>
- CULPEPER, J. Towards an Anatomy of Impoliteness. *Journal of Pragmatics*, [S.l.], v. 25, n. 3, p. 349-367, 1996. Doi: [https://doi.org/10.1016/0378-2166\(95\)00014-3](https://doi.org/10.1016/0378-2166(95)00014-3)

CULPEPER, J. Impoliteness and Entertainment in the Television Quiz Show: The Weakest Link. *Journal of Politeness Research*, [S.l.], v. 25, p. 35-72, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1515/jplr.2005.1.1.35>

CULPEPER, J. *Impoliteness: Using Language to Cause Offense*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011a.

CULPEPER, J. Politeness and Impoliteness. In: AIJMER, K.; ANDERSEN, G. (org.). *Sociopragmatics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2011b. p. 391-436. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511975752>

CULPEPER, J.; BOUSFIELD, D.; WICHMANN, A. Impoliteness Revisited: With Special Reference to Dynamic and Prosodic Aspects. *Journal of Pragmatics*, [S.l.], v. 35, p. 1545-1579, 2003. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0378-2166\(02\)00118-2](https://doi.org/10.1016/S0378-2166(02)00118-2)

CULPEPER, J.; HARDAKER, C. Impoliteness. In: CULPEPER, J.; HAUGH, M.; KÁDÁR, D. (org.). *The Palgrave Handbook of Linguistic (Im)politeness*. Basingstoke: Palgrave, 2017. p. 199-225. DOI: [10.1057/978-1-137-37508-7\\_9](https://doi.org/10.1057/978-1-137-37508-7_9)

CUNHA, D. A. C. Reflexões sobre o ponto de vista e a construção discursiva de comentários de leitores na web. *Investigações, Linguística e Teoria Literária*, Recife, v.25, n. 2, p. 21-41, 2012.

CUNHA, D. A. C. Violência verbal nos comentários de leitores publicados em sites de notícia. *Calidoscópico*, São Leopoldo, RS, v. 11, n. 3, p. 241-249, 2013. DOI: <https://doi.org/10.4013/cld.2013.113.02>

CUNHA, G. X. *Para entender o funcionamento do discurso: uma abordagem modular da complexidade discursiva*. Curitiba: Appris, 2014.

CUNHA, G. X. Estratégias de impolidez como propriedades definidoras de interações polêmicas. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 1-28, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-460x2019350208>

CUNHA, G. X.; TOMAZI, M. M. O uso agressivo da linguagem em uma audiência: uma abordagem discursiva e interacionista para o estudo da impolidez. *Calidoscópico*, São Leopoldo, RS, v. 17, n. 2, p. 297-319, 2019. DOI: <https://doi.org/10.4013/cld.2019.172.05>

DASCAL, M. Dichotomies and Types of Debate. In: EEMEREN, F. H.; GARSSSEN, B. (org.). *Controversy and Confrontation: Relating Controversy Analysis with Argumentation Theory*. Amsterdam: John Benjamins, 2008. p. 27-50. DOI: <https://doi.org/10.1075/cvs.6.03das>

EELLEN, G. *A Critique of Politeness Theories*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2001.

GOFFMAN, E. On Face-Work: An Analysis of Ritual Elements in Social Interaction. In: \_\_\_\_\_. (org.). *Interaction Ritual*. Essays on Face-to-Face Behavior. New York: Pantheon Books, 1967. p. 5-45. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780203788387-2>

GOFFMAN, E. *Ritual de interação*. Ensaios sobre o comportamento face a face. Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

HAUGH, M. The Discursive Challenge to Politeness Research: An Interactional Alternative. *Journal of Politeness Research*, Queensland, Austrália, v. 3, n. 2, p. 295-317, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1515/PR.2007.013>

KERBRAT-ORECCHIONI, C. La polémique et ses définitions. In: \_\_\_\_\_. (org.). *La parole polémique*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1980. p. 3-40.

LEECH, G. *The Pragmatics of Politeness*. New York: Oxford University Press, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780195341386.001.0001>

LACHENICHT, L.G. Aggravating Language: A Study of Abusive and Insulting Language. *International Journal of Human Communication*, [S.l.], v. 13, n. 4, p. 607-688, 1980. DOI: <https://doi.org/10.1080/08351818009370513>

MARINHO, J. H. C. Uma abordagem modular e interacionista da organização do discurso. *Revista da Anpoll*, São Paulo, n. 16, p. 75-100, 2004. DOI: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i16.551>

MILLS, S. *Gender and Politeness*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511615238>

MIRANDA, G. V. Escola Plural. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 21, n. 60, p. 61-74, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142007000200005>

ROULET, E. Une forme peu étudiée d'échange agonale: la controverse. *Cahiers de Praxématique*, Paris, v.13, p. 7-18, 1989.

ROULET, E. *La description de l'organisation du discours: du dialogue au texte*. Paris: Didier, 1999.

ROULET, E.; FILLIETTAZ, L.; GROBET, A. *Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours*. Berne: Lang, 2001.

SPENCER-OATEY, H. D. M. *Culturally Speaking: Managing Rapport Through Talk Across Cultures*. London; New York: Continuum, 2001. v.1.

SPENCER-OATEY, H. D. M. *Culturally Speaking: Culture, Communication and Politeness Theory*. London; New York: Continuum, 2008. v. 2.

TERKOURAFI, M. *Politeness in Cypriot Greek: A Frame-Based Approach*. Cambridge: University of Cambridge, 2001.

TERKOURAFI, M. Towards a Unified Theory of Politeness, Impoliteness, and Rudeness. In: BOUSFIELD, D; LOCHER, M. A. (org.). *Impoliteness in Language: Studies on Its Interplay with Power in Theory and Practice*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 45-74.

TERKOURAFI, M. Politeness. In: CHAPMAN, S.; ROUTLEDGE, C. (org.). *Key Ideas in Linguistics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2009. p. 157-161.

WATTS, R. J. *Politeness*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.